



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

CINTHIA RAQUEL DA SILVA BIZERRA

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NA PRÁTICA DOCENTE , A PARTIR DOS
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**

JOÃO PESSOA
2015

CINTHIA RAQUEL DA SILVA BIZERRA

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NA PRÁTICA DOCENTE , A PARTIR DOS
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como requisito parcial para a obtenção do grau de graduado.

Orientador: Prof. DR. Luiz Pereira de Lima Junior.

JOÃO PESSOA

2015

B625e Bizerra, Cinthia Raquel da Silva.

A educação sexual na prática docente, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais / Cinthia Raquel da Silva Bizerra. – João Pessoa: UFPB, 2015.
62f.

Orientador: Luiz Pereira de Lima Junior
Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Educação sexual. 2. Prática docente. 3. Currículo. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.016 (043.2)

CINTHIA RAQUEL DA SILVA BIZERRA

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NA PRÁTICA DOCENTE , A PARTIR DOS
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Pereira de Lima Junior
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/CE/DFE

Prof^a Dra. Fabíola Barrocas Tavares
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/CE/DFE

Prof. Dr. Pedro Jusselino Filho
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/CE/DFE

Dedico este trabalho com grande carinho, primeiramente à Deus que me deu todas as oportunidades, condições físicas e psicológicas para a concretização deste trabalho, dedico também a todos aqueles que me acompanharam nesta nova empreitada: pai, mãe, amigas e o professores orientador.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por me dar a saúde para a concretização deste trabalho e por estar me guiando em todas as etapas da minha vida.

Ao meu pai, José Vamberto, por estar sempre ao meu lado me apoiando e me ajudando em tudo que faço.

A minha mãe, Marilene da Silva, que mesmo não estando mais aqui entre nós acredito que era o que ela mais queria: a concretização deste trabalho. Pelo seu amor e a sua presença espiritual que me impulsionou , o desejo de superar qualquer obstáculo.

Ao meu noivo Genilson , que está sempre ao meu lado em todas as etapas de minha vida me auxiliando em tudo quanto pode.

As minhas companheiras de estudo e amigas Maria Aparecida, Dagmar Nayara e Stéfanny Sabrina, por me ajudarem todos os momentos e compartilhar em conhecimentos além de estarem sempre presentes ao meu lado em todos os quesitos.

Ao meu orientador, Luiz Pereira de Lima Júnior, pela paciência e compreensão e por me ajudar imensamente neste processo. Agradeço imensamente pelo apoio e incentivo.

Aos professores da banca examinadora Fabíola Barrocas e Pedro Jusselino pelo auxílio e compreensão diante deste processo.

RESUMO

Esta pesquisa traz à tona a discussão da sexualidade, particularmente da educação sexual na prática docente. Nessa empreitada, o objetivo geral é analisar a educação sexual, recortando as formas pelas quais ela se materializa na prática docente, enfatizando os Parâmetros Curriculares Nacionais. Em nível de objetivos específicos, pretende-se situar o desenvolvimento da sexualidade, para estabelecer relações com a educação; discutir a educação sexual, recortando a orientação sexual; descrever a prática docente em seu movimento teórico, especialmente no cenário dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Questionam-se, sobretudo, quais são as formas pelas quais a educação sexual se materializa na prática docente, especialmente no domínio dos Parâmetros Curriculares Nacionais. A perspectiva de análise que norteia este trabalho é histórica e cultural, por facilitar a compreensão da educação sexual na moldura da sexualidade. O procedimento utilizado é a pesquisa bibliográfica, pelo fato de abordar o fenômeno de acordo com a visão de diversos autores. Quanto à metodologia, investigou-se o referido tema de acordo com a literatura pertinente, priorizando inicialmente temáticas gerais que discorrem sobre a sexualidade e, em seguida, delineou-se as discussões sobre a educação sexual e a prática docente. Os resultados mostraram que, apesar do grande espaço em que se situa a sexualidade, a educação sexual está situada nas práticas educativas escolares, especialmente na prática docente, mediatizada pelo currículo.

Palavras-chave: Sexualidade; Educação Sexual; Orientação Sexual; Prática Docente; Currículo.

ABSTRACT

This research raises the discussion of sexuality, particularly sexual education in practice teaching. In that contract, the general objective is to analyze sex education, cutting the ways in which it is materialized in the teaching practice, emphasizing the National Curriculum Parameters. At the level of specific objectives, it is intended to place the development of sexuality, to establish relationships with education; discuss sex education, cutting sexual orientation; describe the teaching practice in their theoretical movement, especially in the National Curriculum Parameters setting. Question, above all, what are the ways in which sex education is materialized in the teaching practice, especially in the area of National Curriculum Standards. The analysis perspective that guides this work is the history and cultural, for facilitating the understanding of sex education in the frame of sexuality. O used is the literature, because to approach the phenomenon in accordance with the vision of several authors. As for the methodology, we will be investigating the said topic according to the literature, focusing initially general themes that discuss sexuality and then outline the discussions on sexual education and teaching practice. The results showed that, despite the large space that lies sexuality, sex education is situated in school educational practices, especially in teaching practice, mediated by the curriculum.

Key -words: Sexuality; Sexual education; Sexual orientation; Teaching Practice; Curriculum.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 PANORAMA DA SEXUALIDADE.....	11
2.1 Percurso histórico.....	11
2.2 Desenvolvimento no Brasil.....	17
2.3 Sexualidade e educação.....	21
3 A EDUCAÇÃO SEXUAL.....	24
3.1 Breve histórico.....	24
3.2 Definições.....	30
3.3 Orientação sexual.....	35
4 A EDUCAÇÃO SEXUAL NA PRÁTICA DOCENTE.....	41
4.1 Os diferentes sentidos.....	41
4.2 O espaço curricular.....	46
4.3 O conhecimento escolar.....	51
5 CONCLUSÃO.....	58
REFERÊNCIAS.....	60

1 INTRODUÇÃO

Ingressei na Universidade Federal da Paraíba no período de 2011.2, no curso de Licenciatura em Pedagogia. O contato com conteúdos relativos ao curso (o qual se inicia com história, psicologia e filosofia da educação) chega a um tema “explosivo”: sexualidade (um conteúdo que conheci de uma forma mais ampla e complexa porque estudei nos seus diversos aspectos: homofobia, doenças sexualmente transmissíveis, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) e os seus temas transversais, dentre outros). Foi partindo daí que surgiu o interesse de pesquisar um pouco sobre o respectivo tema no meu TCC.

Além disso, o tema foi escolhido devido a vários trabalhos feitos durante o curso, principalmente pelo último: uma intervenção de estágio com crianças do 5º ano do ensino fundamental fundamentada em temas relacionados à sexualidade. Este trabalho me chamou muita atenção, pois percebi a dificuldade do professor lecionar assuntos relacionados à sexualidade e também para o próprio aluno absorvê-los e levá-los para o resto de suas vidas.

Ao lado de tudo isso, a necessidade de pesquisar este assunto também surgiu devido a observação nas salas de aula de estágio sobre a relação professor-aluno, sobretudo como se davam a partir da abordagem do tema de sexualidade e o quanto os alunos eram carentes de informações, às vezes, as mais básicas possíveis como, por exemplo, a reprodução humana, doenças sexualmente transmissíveis dentre outros, incluindo-se o receio do aluno ao perguntar ao professor ou a um parente sobre um dado assunto; assim, também, o receio do professor em abordar um dado tema e ser “perseguido” diante de sua prática.

Em suma, o presente trabalho vem a abordar a educação sexual na prática docente, afim de investigar por meio dos estudos bibliográficos como os conteúdos de educação são implementados na prática docente, especialmente com base na literatura e nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Diante do que foi dito até o momento, este TCC tem por objeto de estudo a educação sexual na prática docente, ou seja, como estes temas são incluídos no âmbito dos Parâmetros Curriculares Nacionais e quais os materiais que estes trabalham para facilitar a aprendizagem.

O problema que estamos trabalhando nesta presente pesquisa é: quais são as formas pelas quais a educação sexual se materializa na prática docente, especialmente no domínio dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

O objetivo geral é analisar a educação sexual, recortando as formas pelas quais ela se materializa na prática docente, enfatizando os Parâmetros Curriculares Nacionais.

O campo teórico está baseado na investigação que se tem em inscrever-se dentro dos trabalhos de pesquisas pertinentes à sexualidade em seus diversos temas, sejam sociais, biológicos e educacionais, incluindo-se diversos autores cujo o foco se situa essa temática.

A metodologia aplicada investigará o referido tema de acordo com a literatura pertinente, priorizando inicialmente temáticas gerais que discorrem sobre a sexualidade e, em seguida, delinear as discussões sobre a educação sexual e a prática docente.

O presente trabalho está dividido em três itens, a saber:

O segundo – Panorama da Sexualidade – situa o desenvolvimento da sexualidade, para estabelecer relações com a educação.

O terceiro – A Educação Sexual – discute a educação sexual, recortando a orientação sexual.

O quarto – A Educação Sexual na Prática Docente – descreve a prática docente em seu movimento teórico, especialmente no cenário dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Por fim, seguem as referências utilizadas na presente investigação que, em linhas gerais, subsidiou a análise da temática em tela.

2 PANORAMA DA SEXUALIDADE

O presente capítulo abordará um pouco da história da sexualidade, como esta veio a surgir na sociedade, qual a necessidade de abordar tal tema, como esta foi recebida nos vários países, se houve alguma resistência das pessoas e do cristianismo, principalmente, a Igreja Católica. Retratando o Brasil, como a sexualidade foi inserida no país desde o tempo da Colônia, referindo-se à educação sexual (ES), como esta foi implementada não só nos estados do Brasil, mas nos outros países e quais as resistências e dificuldades de implementar conteúdos dentro da sala de aula até os dias de hoje.

2.1 Percurso histórico

Objetiva-se neste tópico abordar os fatos ocorridos na história da humanidade quando falamos da sexualidade, como esta foi inserida no contexto social, quais as restrições e resistências enfrentadas para que esta pudesse ter visibilidade e importância na sociedade. Diante dessa temática, no que se refere à reprodução, na Grécia antiga, onde ocorrem novas formas de pensar com faces mais sistemáticas, relativas as práticas sexuais que se fazem presentes à cultura grega diante de suas divindades, na religião, expressa nas representações dos atos sexuais, na sua literatura erótica e em sua produção de saber.

Referindo-se à cultura grega e romana de acordo com King (1998, p. 45-47 *apud* LIMA JÚNIOR, 2012, p. 55), apareceram as primeiras informações relativas aos comportamentos sexuais e com isto veio também a desigualdade tanto para os heterossexuais como para os homossexuais e esta desigualdade era expressa através da literatura, sendo "[...] representada por imagens de predação, guerra, fuga e captura".

As mulheres nesta dada época, segundo Lima Júnior (2012, p. 56), "eram vistas como inferiores sendo apenas destinadas à procriação já os homens, praticavam relações homossexuais". Essas mesmo tidas como vivenciáveis eram perpassadas por padrões sociais, as relações entre homens da mesma idade eram desaprovados pois para a época, era vivenciável a relação de homens mais jovens com homens mais velhos e não com homens da mesma idade, ou seja, as relações sexuais homossexuais eram em busca do prazer, já com as mulheres muitas vezes eram apenas com o intuito de gerar filhos.

Tanto entre latinos e gregos, Foucault (1984, p. 35) esclarece que “ seria difícil detectar noções referentes às de sexualidade e de carne, como ocorreria no Ocidente em épocas posteriores “. A prática do conhecimento sobre a verdade do sexo esclarece Foucault (1988, p. 61), “ estavam interconectadas, na forma da pedagogia, com a transmissão corpo-a-corpo de um saber precioso, o sexo era tido como suporte as iniciações do conhecimento “. Essa foi uma prática que sofreu muitas mudanças na sociedade ocidental ,sendo hoje considerada uma prática punida pela justiça,como pedófila.

As transformações, sobretudo em todos os contextos de nossa sociedade, vem ocorrendo mudanças nas formas de relacionamento dos seres vivos entre si, destes com a natureza, bem como, com seus utensílios presentes no avanço dos equipamentos de uso tecnológico.

Vinculando a todas essas transformações, as quais acontecem a cada momento de nossas vidas, está inserida também, mudanças na sexualidade, de um modo geral. Esta responde por grandes transformações que ocorrem na sociedade, afetando os grupos humanos e as subjetividades das pessoas. Ao nos referirmos à sexualidade como conceito, entendemos ser um dispositivo como diz Foucault (1979, p. 243-244), por envolver:

[...]um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

Esse dispositivo engloba diferentes temas e aspectos, que ocorrem não só nos dias atuais , mas também em todos os tempos, séculos, povos e culturas, onde as pessoas sempre discutiram temas relativos à sexualidade que jamais se esgotaram sendo um tema questionável, complexo e polêmico.

Durante muito tempo no ocidente, os aspectos aos quais envolviam a sexualidade, não tinham suas expressões marcadas em representações contidas. A hipocrisia a respeito dos assuntos relacionados ao sexo veio juntamente com as religiões as quais surgiram no mundo inteiro e muitas vezes interferiram nos debates relacionados à sexualidade. Temas como, por exemplo, o sexo antes do casamento, o uso de remédios anticoncepcionais, relações homossexuais dentre outros que são debatidos até os dias de hoje de modo preconceituoso.

A partir do final do século XVIII, na análise de Foucault (1987, p. 170, 172), aparecem as ciências clínicas, que se referiam ao indivíduo, em oposição à espécie. No

cenário do saber, estas ciências estavam preocupadas com as descrições singulares, com interrogatórios via anamnese, como integrante do quadro amplo do discurso científico.

Por volta do século XX, o termo sexualidade foi mencionado por Foucault (1985), quando este fez o uso da palavra, passando a relacionar com vários outros fenômenos além das questões sobre sexo e prazer como : o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos, que abrangiam tanto os mecanismos biológicos da reprodução, como variantes individuais ou sociais do comportamento. O tema sexualidade também abriu espaço para o estudo de regras e normas que são em parte tradicionais e em parte novas, que se apóiam em instituições religiosas, pedagógicas, médicas e jurídicas, como também, variadas mudanças escolhidas pelas pessoas, através das quais dão sentido e valores a sua conduta deveres, prazeres, sentimentos, sonhos e sensações.

No que refere-se ao casamento, de acordo com Foucault (1984, p. 8), em relação a ética e ao comportamento matrimonial afirma:

a ética do comportamento matrimonial surge sob um ângulo bem diferente numa série de textos que se distribuem dos dois primeiros séculos a. C. até o segundo da nossa era, ao longo de todo esse período em que se pôde constatar uma certa mudança na prática do casamento; têm-se assim o Perigamou de Antípatros, a tradução latina de um texto grego que por muito tempo foi considerado como a última parte da econômica do Pseudo Aristóteles, as diferentes passagens de Mussonius dedicadas ao casamento, os Preceitos conjugais de Plutarco e seu diálogo sobre o amor, o tratado do casamento de Hierocles, sem contar as indicações que se encontram em Sêneca ou Epitecto e em certos textos pitagóricos”.

Diante disto, percebemos o quanto o casamento foi discutido na antiguidade por vários estudiosos e filósofos, como um dos temas da sexualidade. Este continuou sendo discutido em vários momentos em nossa sociedade pois, para Foucault (1984) a “ arte de se conduzir no casamento se definiria menos por uma técnica de governo e mais por uma estilística do vínculo individual ”.

A sexualidade está presente nos diversos temas e assuntos, fato que não pode ser definida como um único assunto ou um único conceito. Outro elemento a se considerar é a cultura cristã adotada pela maioria dos países ocidentais. Essa deu origem a algo incomum, uma ciência sexual pautada na curiosidade e na vontade de tudo saber vinculado ao sexo, para um melhor controle da sociedade. Um exemplo disto se refere ao sexo antes do casamento, onde é “ proibido ” e têm como algo incorreto.

O cristianismo, segundo Nietzsche (2000 *apud* LIMA JÚNIOR 2012, p. 34), “ associou o ato sexual ao mal, ao pecado, à queda e à morte, contendo os afetos “. O pecado, a redenção, a clemência, o castigo e a remissão dos pecados simbolizam a prática cristã.

No entanto, para Lima Júnior (2012, p. 34-35), o cristianismo de um modo geral:

Utiliza-se de uma linguagem simbólica do ideário moral - religioso, que materializa relações de poder – saber. Este ideário torna presente o arrependimento e o remorso, compondo o arsenal de defesas para se chegar ao reino de Deus, glorificando o juízo final e a vida eterna. O assujeitamento contém o contato com o mundo interior, afetivo, por ser esta expressão de falseamento da vida e sua desvalorização física, exigindo direitos aos fluxos de afetos. Gesta-se a supremacia dos sentimentos de contenção do prazer, mas não intercepta o fluxo do próprio sexo. Não há direito possível aos fluxos.

O Cristianismo fazia da sexualidade no período medieval e moderno, sendo visto como algo pecaminoso levando com que a vulnerabilidade fosse colocada, sem perceber que sua tática provoca ao mesmo tempo o medo e a curiosidade de saber. Isso ocorre porque a questão sexual é tão “mal”, tão “ruim” ou algo que acontece tão pecaminoso que ao ser depreciada de forma excessiva conduz ao interesse das pessoas (referido ao ato sexual), pois, sabemos que os instintos surpreendem por mais que se fuja deles. Para contrariar o Cristianismo, temos o olhar de Nietzsche (2000), sem concordar com as teorias do cristianismo, propõe a inversão dos valores por ele implementados, publica uma obra chamada o Anticristo.

Para o Anticristo a vida é simples, onde não existe o pecado e as pessoas não precisam nem da salvação e nem da remissão de seus pecados, já que estão isentas do pecado.

Referindo-se à respeito à força e abrangência do Cristianismo, Foucault (1979, p. 229 *apud* LIMA JÚNIOR, 2012, p. 39) ressalta que, a partir dele, “ a vida no Ocidente passou a se guiar em discursos que passam pela vida sexual das pessoas “.

Podemos entender a sexualidade também como uma maneira em que os indivíduos se relacionam e se expressam em busca do prazer, fazendo parte da personalidade de cada um. Ela, no entanto, é uma necessidade básica e não pode ser separada de outros aspectos da vida do indivíduo, tendo sua história construída e pautada nas mudanças que vem ocorrendo em nossa sociedade, devido à diversos fatores que englobam a participação do indivíduo no processo de transformação de um mundo e de uma sociedade.

No que diz respeito à sexualidade e o sexo de acordo com Lima Júnior (2003, p. 22):

[...] a sexualidade produz-se no bojo das práticas sociais, de formações discursivas e não discursivas, desencadeando relações de poder/saber sobre o sexo. Normatiza-se e regulamenta-se a vida das pessoas, mediante a disciplina e o controle dos seus corpos e de suas almas. Salienta-se o acontecimento aleatório do sexo e, concomitantemente, a supremacia dos instintos, embora surjam interdições sexuais.

Com isto, entendemos o quanto a sexualidade está sendo discutida na sociedade e o quanto a sexualidade e o sexo estão cada vez mais “fluindo” diante da sociedade, gerando diversas discussões, sendo muitas vezes reprimida por alguns indivíduos que compõem a sociedade.

Muitos teóricos destacam que a França, no século XVIII, de acordo com Lima Júnior (2012, p. 102 *apud* ALEXANDRIAN, 1993, p. 124-188, 200-219), “representou a Europa o modelo da arte de amar e gozar”. A literatura erótica da França estudou os costumes da sociedade, detendo-se no que acontecia tanto nas classes mais altas como nas mais baixas. Essa literatura mostravam que os conventos, internatos e nos monastérios eram centros de depravação onde ocorria a luxúria dos monges.

De acordo com os estudos de Lima Júnior (2012, p. 103-104), não se pode esquecer das contribuições do Marquês de Sade, onde este transferia suas paixões da vida real para o campo imaginário. Para ele, uma forma de equilíbrio, presenteando-se com o espetáculo de seus personagens.

As obras mais emblemáticas publicadas por Sade, de acordo com Lima Júnior (p. 104, 2012), ocorreram em 1791, com *Justine*, em 1797 publicou *La Nouwele Justine* ou *lês Malheurs de La Vertu* e no mesmo ano, em 1797 publicou *Juliette*. Este último livro sendo concebido como um dos mais bem realizados e significativos, pois nas obras anteriores, as mulheres eram tidas como passivas já em *Juliette* se faz presente as “libertinas implacáveis”, onde a personagem falava com desprezo de Mirabeau, que procurou ser libertino para ser alguém na vida.

Sob a ótica de Lima Júnior (p. 105, 2012):

As histórias desencadeadas por Sade se relacionam o terror sexual com o sentimental, para Sade a dor é uma espécie de verdadeiro prazer que seus heróis deveriam pensar e experimentar. Muitos deles eram chicoteados, molestados durante o coito sexual eles gostavam de “sofrer gozando” não se indo à autodestruição pois gostavam mais de causar a dor alheia, era o prazer perfeito veiculado pela dor.

A importância de Sade para a sexualidade em Foucault (2001, p. 125-126 *apud* Lima Júnior, 2012, p. 105), revela-se na figura do monstro isto ocorre em quase todos os seus

romances, já em Juliette há uma diferenciação pois há um `` [...] acoplamento regular entre a monstrosidade do poderoso e do homem do povo, a monstrosidade do ministro e a monstrosidade do revoltado, e a cumplicidade de um com o outro ``.

No século XX no Ocidente, os métodos contraceptivos assumiram papel de destaque na empreitada da sexualidade. Havia preocupações com a superpopulação e foram empreendidos esforços mundiais visando o controle da natalidade, com a fundação da liga Neo- Malthusiana Internacional.

Nas décadas de 1950 e 1960 ocorreu a adoção de métodos de contracepção com utilização da pílula e dos dispositivos intra-uterinos (DIU), o aparecimento da contracultura orientada para o consumo de drogas, tendo como expressão o concerto de Woodstock no ano de 1969 (onde ocorreram nudez e sexo explícito), e os designados movimentos de contracultura, como os hippie, contra a Guerra do Vietnã acontecendo ainda, a criação de dormitórios conjuntos e o swinging.

Diante de todos estes fatos que ocorreram na década de 1960 destacamos como Macrae (2011, p. 26-27) que:

[...]no final da década de 1960, depois do aparecimento do movimento hippie e da contracultura, depois dos eventos de maio de 68 em Paris, surgiu o Gay Liberation Front, nos EUA, advogando uma postura muito mais radical e questionadora da sociedade. Para caracterizar a ruptura que ele representou com os métodos tradicionais de militância; basta lembrar que o marco simbólico de seu aparecimento foi uma batalha de três noites, travada por homossexuais incluindo muitos travestis e prostitutas, contra a polícia no gueto gay de Nova York em junho de 1969. [...] Poucos meses depois do Gay Liberation Front, já mais estruturado, lançaria seu próprio jornal, chamado Come Out (que pode ser traduzido como Assuma-se), e consagraria o dia 28 de junho como o "Dia de Orgulho Gay.

Apesar do movimento Homossexual assumir os discursos de movimentos de libertação, reiteraram a libertação mas descartando a postura libertária que buscava uma transformação social, como modo de mostrar que diante desses movimentos homossexuais existem pessoas que necessitam de direitos formulados em lei para viver em sociedade sem preconceitos dos outros indivíduos que compõem a sociedade.

Diante das diversas perspectivas relativas à sexualidade envolvendo o sexo e outros aspectos relacionados, segundo Lima Júnior (2012 p. 202-203) a sexualidade pode ser vista como uma `` questão de economia `` , ou seja, ela não é uma `` determinação `` , mas uma `` subdeterminação molecular `` , funcionando nos campos sociais e familiares. Ela atua

delineando o “ campo de presença ” e de “ produção do desejo ”, onde o desejo é afeto, assim a subjetividade não é "uma coisa ou uma pessoa", mas um acontecimento.

Trazendo todos os discursos e questionamentos relacionados à sexualidade para a Educação ,no final do século XX,que influenciaram na construção de novas práticas e comportamentos sexuais a Educação Sexual (ES) e as orientações presentes nos Parâmetros curriculares nacionais (PCNS). Este último é um documento que traz o intuito de informar “ domesticar ” e “ controlar os sexos ” gerando discussões no âmbito escolar relativo a este assunto e dentre outros aspectos os que iremos analisar mais adiante nos próximos capítulos.

2.2 Desenvolvimento no Brasil

Objetiva-se tratar neste tópico, a abordagem da sexualidade no Brasil, como surgiu os primeiros temas relacionados à sexualidade em nosso país, desde a época da colônia e a influência da Igreja neste referido contexto.

Sabemos que a sexualidade é um tema amplo e até mesmo complexo, pois engloba diversos aspectos e temas relacionados . O comportamento diante da sociedade e da sexualidade entre homens e mulheres, também com a religião que cada um professa.

No que se refere à vida sexual na Colônia de acordo com Lima Júnior (2012, p. 69 apud Venâncio, 1986, p. 107), conta com a constituição de uma “ dupla moral ”: a presença de mulheres brancas, recatadas e de mulheres negras que se entregavam aos prazeres dos senhores.

O século XIX é marcado pela influência da Igreja para regulamentar o sexo, os conhecimentos científicos que predominavam na época não conseguiam sobrepor-se às explicações sobrenaturais que assumiam papel relevante particularmente no Brasil. Na primeira metade deste século, se registra o aumento da prostituição feminina, despertando o olhar dos médicos e das instâncias políticas, imprimindo novos rumos à sexualidade.

De acordo com Lima Júnior (2012,p.69-70), na época colonial, o Brasil não possuía tribunais do Santo Ofício, como havia na América Hispânica. No mesmo modo, a Inquisição alojou-se na Colônia, com as visitas inquisitoriais , levadas a cabo pelo bispo da Bahia determinado pelo Santo Ofício de Lisboa.

Referindo-se ao pecado da luxúria, a Inquisição objetivou apreender as práticas comumente não exercidas, considerando-se que a família e os inquisidores julgavam-se no direito de convocar os acusados para que confessassem suas práticas sexuais.

Diante das confissões dos pecados, esta, veio a assumir proporções significativas no Ocidente e, posteriormente com o desenvolvimento da ciência sexual, seu papel foi muito mais relevante, pois foi mais visto diante da sociedade.

A confissão foi utilizada de forma estratégica para que o confidente confessasse seus pecados sem se omitir, se livrando da culpa de ter cometido tal pecado. Este, era o grande objetivo a ser perseguido, pois este fato, segundo Lima Júnior (2009, p.71) “acoplava-se à clareza de que os indivíduos deveriam possuir acerca da doutrina e das suas interdições”.

No que se refere ao ritual da sujeição, analisado por Lima (1986, p. 69 *apud* LIMA JÚNIOR, 2012, p. 71), foi elaborado baseado nos dez mandamentos e nos sete pecados capitais. Nos manuais estava contido um “copioso interrogatório”, constituindo-se em um roteiro que os guiaram na viagem dos relatos dos pecados.

De acordo com os estudos de Lima Júnior (2012, p.72), a confissão, obrigava homens e mulheres a delatar qualquer ato suspeito e herege, fazendo com que aumentasse o fluxo de denúncias. As denúncias eram relativas aos atos de sodomia, bigamia, defesa da fornicção, sacrilégios ligados a relações sexuais, adultério e concubinato, solicitação da castidade como estado ideal.

Diante de todos esses atos, a sodomia era predominante entre os pecados denunciados, de acordo com estas referidas denúncias, (Souza, 1986, p. 12-17 *apud* LIMA JÚNIOR, 2012, p. 73), novos rumos da sexualidade da Colônia surgem mostrando que as crenças universais nos santos padres da Igreja, exerceram um grande controle.

Apesar dos hereges terem de confessar a culpa pelos seus pecados cometidos, no que diz respeito aos pecados relativos às práticas sexuais e levando muitos indivíduos a rebelarem contra Igreja diante de tal temática, não apenas os hereges cometiam o pecado da luxúria, mas, também aqueles que eram considerados “Santos” para a dada época, um exemplo disto é o frei Luís de Nazaré, um carmelita, que, na década de 1930, fazia trabalhos exorcistas visitando pessoas doentes, no entanto, este fazia relações sexuais com o doente ou com outras pessoas que moravam na casa, a justificativa deste, é que era um ato muito importante para que a pessoa doente se curasse da doença, e este pedia que todos da casa guardasse segredo.

Diante desta postura, segundo Lima Júnior (2012, p.78)'' algo tão combatida pela Igreja, o clero agiu drasticamente e a Santa Inquisição o processou considerando o ritual curativo utilizado como anômalo ``.

Agora se referindo as práticas educativas escolares relativas à sexualidade, no Brasil, no que se refere sua materialização, denota formas de disciplina e de controle do sexo. Este processo situa-se no âmbito da prática da educação sexual, (ES), ao objetivar a normalização dos comportamentos.

No interior dos discursos relativos à educação sexual e na educação em geral percebe-se a construção de novas práticas e comportamentos sexuais. Diante desta temática, Furlani , (2009, p. 321 *apud* LIMA JÚNIOR 2012, p. 206-207) coloca:

Os métodos e os artefatos escolares, as linguagens envolvidas nos processos de comunicação, as atitudes pessoais diante do que é dito e do que não é dito na escola, tudo isso nos constitui: meninas e meninos, mulheres e homens, negros, brancas, indígenas, gays, heterossexuais, negras, lésbicas... Essa construção das identidades culturais é um processo permanente, articulado por inúmeras instâncias sociais (entre elas a Escola) que realizam pedagogias podem tanto reiterar as identidades e as práticas hegemônicas, quanto podem permitir a visibilidade e a disponibilidade de representações contrárias e/ou alternativas.

O discursos relativos à sexualidade estavam cada vez mais sendo esclarecidos diante da sociedade, pois a cada dia que se passava temas relativos à sexualidade eram cada vez mais abordados, de acordo com Lima Júnior (2007, p.207), '' a partir do século XIX, o que denota cabalmente a ação da sexualidade ``.

Na década de 1920 no Brasil, as tentativas de ES eram com base nos fins higienistas, e a lógica da prática sexual no intuito de gerar filhos, nesta dada época, a moral cristã de certo modo interditavam as pessoas no que se refere às práticas e comportamentos sexuais.

Relativo aos discursos institucionais, Lima Júnior (2009, p.208) ressalta:

localizavam-se nos pontos mais específicos que comporiam o arsenal de poder-saber, veiculados pelo Estado e pela Educação. O Estado até vislumbrava a ES, mas a partir de uma pauta que lhe interessasse: a procriação; ao mesmo tempo, os contrários a essa prática eram interditados.

Ou seja, entendemos que os assuntos que dissessem respeito à ES eram de algum modo, perpassado pelo Estado, mas, o Estado só vem a apoiar de algum modo à ES quando esta vem a trabalhar algum tema que "alimente" seu interesse como um deles, no dado momento a procriação.

A ES é mais uma das práticas Foucault (1988, p. 55 *apud* LIMA JÚNIOR, 2012, p. 209)"utilizadas na relação básica com 'formas de manipulação' e 'jogos de verdade' (Foucault, 1984, p. 12 *apud* Lima Júnior, 2012, p. 209) sobre o sexo, visando a maquiá-lo.

Nesta mesma direção Lima Júnior (2008) analisa a ES como uma espécie de labirinto, cuja meta, entre outras, é a "domesticação dos instintos".

Ainda á respeito da prática da ES, Britzman (2010, p. 95 *apud* LIMA JÚNIOR, 2012, p. 210) mostra que ela:

[...] tornou-se, pois o lugar para trabalhar sobre os corpos das crianças, dos adolescentes e das professoras. A mudança para uma pedagogia de produção da normalidade e a idéia de que a normalidade era um efeito da pedagogia apropriada e não um estado *a priori* tornou-se, essencialmente, a base para o movimento higienista social chamado 'educação sexual.

A partir de uma critica relacionada á psicanálise e á educação, Ana Freud e Britzman (2010, p. 97-98 *apud* LIMA JÚNIOR, 2012, p. 210-211), dão continuidade á avaliação da ES colocando diversas questões como: ´"[...] se a educação exige a renúncia do instinto, como é até mesmo possível uma educação sexual? Ou qual pode ser o objetivo da educação sexual se o objeto da educação está na renúncia do sexo?"´

Sobre estes acontecimentos, de acordo com Lima Júnior (2012, p.211), ´´ percebe-se que a pesquisa sobre sexualidade e educação prioriza eixos balizadores em seu percurso ´´ .

Ressalta-se, sobretudo, que a análise da sexualidade situa-se no âmbito das práticas sociais que, por sua vez, para Foucault (1999, p. 8 *apud* LIMA JÚNIOR, 2012, p. 212), vincula-se à formação de ´´ domínios de poder-saber ´´.

As práticas mais precisamente a sexual, está situada nas estreitas relações com as diferentes formas de ser e de agir dos indivíduos, retratando a própria personalidade destes, onde, não apenas o Estado, vinculado com a educação e com a escola, mas com a sociedade de um modo geral influenciam e controlam os indivíduos no modo de se comportar perante a sociedade, sempre havendo o medo de ser repreendido por algo ou por alguém.

Entendemos que a sexualidade e as práticas informais ou formais inseridas dentro do âmbito escolar ou fora dele, possibilitaram condições para mapeá-las, atrelando-as aos principais acontecimentos que caracterizam o século XX.

A educação estava necessitando de novas práticas educativas escolares á respeito da sexualidade, onde esta veio com o intuito de informar e auxiliar os alunos em temas como homossexualismo, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) dentre outros, são questões com que as pessoas irão conviver o resto de suas vidas, pois giram em

torno do formal e informal, onde, este último, nasce de acordo com as experiências vivenciadas por cada um dos indivíduos de uma sociedade de um modo geral.

2.3 Sexualidade e educação

Objetiva-se neste tópico, abordar a sexualidade e a educação, como estas se situam diante da sociedade, qual a finalidade da educação, juntamente com a sexualidade, caminharem juntas.

A sexualidade se manifesta em todas as etapas da vida seja na infância, adolescência, na vida adulta e na terceira idade. Cabe a nós sabermos lidar, trabalhar e agir diante de várias situações relativas ao tema. Segundo Nunes (2005), pesquisas indicam que a sexualidade se manifesta na espécie humana antes do próprio nascimento, onde se verificou que ainda no feto os bebês sugam os dedos das mãos e pés e no transcorrer do desenvolvimento humano. Ela se manifesta de forma variada e de acordo com a idade de cada um.

Foucault (1985), estuda a sexualidade, no sentido de investigar e analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção neles próprios. Sobretudo, investigar, decifrar e se conhecer confessando-se como sujeitos do desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permita descobrir, no desejo, a verdade do seu ser. Assim, como afirma Foucault (1985), a sexualidade se constitui na formação dos saberes ao qual ela se refere, aos sistemas de poder que regulam suas práticas e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeito dessa sexualidade, assumindo, assim, uma postura frente aos desejos de compreender a si mesmo e ao outro, podendo amar e relacionar-se entre si.

É na infância que o indivíduo começa a receber uma educação em todos os aspectos, também se incluindo a sexualidade. A família a conduz o primeiro grupo ao qual a criança faz parte. Inicia-se o processo de que as informações sobre a sexualidade acontece de maneira informal de um modo mais primário e básico, contínuo e por meio de atitudes, atos de carinho ou rejeição, perguntas respondidas ou ignoradas, dentre outras experiências vivenciadas no meio familiar com receio de algum "impacto" na vida da criança ou adolescente.

Em relação aos séculos anteriores ao nosso, em meados do fim do século XVIII, passou a existir uma linha na qual dividia o lícito e o ilícito, como regras que regiam as práticas sexuais. Essa linha representava além das regulamentações devidas aos costumes e

pressões de opinião, três códigos explícitos, que eram: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Neste século, o sexo é considerado como questão de polícia, pois havia o policiamento do sexo, bem como a necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição. Diante disto para Foucault (1979, p. 146):

Os controles da masturbação praticamente só começaram na Europa durante o século XVIII. Repentinamente, surge um pânico: os jovens se masturbam em nome deste medo foi instaurado sobre o corpo das crianças, através das famílias, mas sem que elas fossem a sua origem, um controle, uma vigilância, uma objetivação da sexualidade com a perseguição dos corpos".

Procuravam explicar e defender que todo ato referente a sexualidade era errado, fazendo com que houvesse o controle dos jovens e das crianças, de modo que eles soubessem que é algo proibido, incerto julgando a necessidade de o regular, como menciona Foucault, "o policiamento dos corpos", a vigilância, a regulação do sexo.

A partir deste século, Foucault (1988, p. 99-100) distingue alguns conjuntos estratégicos, imbuídos de poder-saber sobre o sexo: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, socialização das condutas de procriação, e a psiquiatrização do prazer perverso. No transcorrer do século XIX se multiplicam cada vez mais os discursos acerca da sexualidade, marcando o controle dos indivíduos a partir da prática médica e indícios das práticas de Educação Sexual (ES), implementadas nos diferentes campos disciplinares. Na perspectiva de Foucault (1988, p. 30-31), o sexo principalmente na época de colegial entre os adolescentes, no transcorrer do referido século torna-se "um problema público".

A escola, instituição que se fortaleceu no século XIX enquanto um espaço social reúne diariamente um determinado número de crianças e adolescentes. Com a interação social e afetiva facilita o desenvolvimento de um trabalho de educação sexual. A sexualidade está presente em todos os locais e um deles, e um vivenciado com bastante força é na escola, onde está presente na fala dos alunos, brincadeiras entre si, bilhetinhos, nos namoros no pátio ou pelos corredores, nas carícias ou mesmo nas entrelinhas das matérias estudadas.

Diante desta realidade vivenciadas em quaisquer escola, seja no Brasil ou qualquer outro lugar, a escola não pode deixar de considerar importante a abordagem de palestra sobre a sexualidade, ou seja, fazer um planejamento sistematizado para com que o trabalho e a relação professor-aluno haja proveito para ambos, buscando o interesse dos alunos, onde passa a abrir um canal para a discussão sobre a sexualidade.

Entretanto, na escola, assuntos sobre a sexualidade e a educação sexual (ES), devem ser abordados fazendo parte do currículo escolar. As temáticas discutidas na educação sexual são conhecimentos fundamentais para a formação integral da criança e do adolescente, todavia ficam restritas ao currículo.

Não deve existir qualquer separação dos gêneros masculino e feminino, no momento em que será apresentado os conhecimentos para estes. Portanto, a prática pedagógica deve acontecer sempre em co-educação, pois é através da socialização do conhecimento que a escola pode ser democrática.

De acordo com Michel Foucault (1979, p. 83), a educação é compreendida como “maquinaria de confinamento disciplinar”, pois tem como objetivo o de normalizar os comportamentos dos educandos, particularmente os sexuais. Esse processo ocorre através do discurso veiculado por redes de poder-saber que perpassam o cotidiano das práticas educativas escolares, ou seja, ter um controle sob os educandos de modo a fazê-los ter para si o que deve e o que não deve fazer, educando os alunos e colocando para estes o que é certo ou errado, o que faz com que os alunos fiquem cada vez mais curiosos para saber: “Porque não posso fazer isso?” e se eu fizer o que pode acontecer?”

No entanto, estas perguntas são feitas diariamente por alunos que estão confusos com as definições que eles recebem dos professores e familiares, também da mídia, fazendo com que muitas vezes não ficando informado o suficiente sobre o assunto, ocorrendo a gravidez na adolescência ou obter uma doença sexualmente transmissível (DST).

Diante disto, podemos dizer, que a escola deve discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes na nossa sociedade, relacionadas à sexualidade. Tudo isso, sem ditar normas de “certo” ou “errado”, o que “deve” ou não fazer sem impor os seus valores, acreditando que o melhor para o aluno é fazê-lo com que fique à vontade, sem medo de discutir temas sobre sexualidade.

Fazendo-se assim temos o papel do professor como “dinizador de idéias” ao invés de “expositor da matéria”, onde só trata um certo assunto para cumprir o que esta no currículo escolar, esquecendo que em muitos casos ele é a única fonte de conhecimento e informação que o aluno pode ter na qual pode confiar.

3 A EDUCAÇÃO SEXUAL

Este capítulo vem a abordar, a Educação sexual (ES) nos seus diferentes contextos, trazendo um pouco de sua história, de como esta veio a surgir na nossa sociedade e analisar da sociedade em absorvê-la na Educação .

Também serão abordados a ES como um tema transversal, como esta está inserida neste contexto, as suas definições, como esta é definida diante de seus temas e conceitos .Por fim, abordaremos a Orientação sexual (OS) qual sua definição, qual a diferença entre ES e OS, como estas são trabalhadas na escola de modo a auxiliar os alunos e também, auxiliar os professores quando lecionarem assuntos que dizem respeito a estes temas abordados.

3.1 Breve histórico

O objetivo de uma breve história da Educação Sexual, (ES) se constitui com o intuito de mostrar como esta veio a ser abordada na escola, sobretudo por meio de um tema transversal inserida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) e como a ES foi aplicada e estudada nos demais países que implantaram a ES em suas escolas.

Sabemos que na escola existem um leque de disciplinas como Matemática, português, geografia, dentre outras. Diante disto, ES não está fora deste contexto, pois sabemos que a ES é um dos temas transversais inseridos nos PCNS, onde, segundo Lima Júnior (2006, p.93), "considera-se a possibilidade de inclusão dos temas transversais nas diversificadas áreas".

Onde, os PCNS dizem que ela:

Não é uniforme, uma vez que é preciso respeitar as singularidades tanto dos diferentes temas quanto das áreas. Existem afinidades maiores entre determinadas áreas e determinados temas, como é o caso das Ciências Naturais e a saúde, ou entre História, geografia e Pluralidade Cultural, quem que a transversalidade é fácil e claramente identificável. Não considerar essas especificidades seria cair num formalismo mecânico (BRASIL, 1997, v.8-41 apud LIMA JÚNIOR p. 94, 2006)

O que isto nos vem a explicar, é que os temas transversais serão inseridos , juntamente com as outras disciplinas, mas, respeitando cada área, envolvendo os temas transversais quando for necessário, no entanto, a transversalidade faz com que se englobem temas

bastantes instigantes de modo que desperte o interesse dos alunos, e isto, também vem à tona de certo modo a ES.

No que se referem aos primeiros trabalhos relacionados com a ES nas escolas, estes, eram voltados para o contexto biológico, onde os assuntos de maior destaque eram o sistema reprodutor e as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Estes conteúdos, eram implementados nas aulas de ciências. Acreditava-se que aqueles conteúdos voltados para o contexto biológico `` davam conta `` e explicavam tudo que fosse relacionado a ES, porém, como sabemos hoje, o conhecimento e entendimento biológico é extremamente importante, mas, somente estes temas não suportam a gama de temas que fazem parte da ES , já que há muitos outros assuntos que compõem esse leque além do conhecimento biológico.

No início do século XX, de acordo com Lima Júnior (2008, p.17), a ES:

Estava situada num espaço dúbio. De um lado contava com defensores para sua emergência, sobretudo por parte daqueles que se distanciavam dos interesses do Estado e concebiam-na como via para a libertação dos sujeitos. De outro lado, era quase que totalmente descartada pelo Estado, podendo até ser implementada, desde que a sua importância fosse reconhecida para atender às suas demandas.

Neste mesmo século a ES foi perpassado por interesses viáveis , levados a cabo por médicos da França que procuravam relacionar a ES com os instintos sexuais e á reprodução humana. Na década de 1920, ocorreu a proibição do aborto que estava previsto em lei, além de ocorrer a disseminação das idéias a respeito dos anticoncepcionais. Diante destes acontecimentos, percebe-se que a França denotou sua vinculação aos interesses do Estado, vinculando de forma direta a prática da ES no interior da Educação formal.

Em 1947, segundo os estudos de Lima Júnior (2008, p. 19), na França, o inspetor de ensino Louis François, veio a constitui uma comissão para avaliar como estava sendo implantada a ES no ensino público. Esta iniciativa foi prorrogada até 1971, pois durante esse dado período, o Ministério da Educação e Cultura da França aprovou algumas experiências no segundo grau. Houve a implantação de cursos facultativos que ocorriam com a permissão dos pais.

Esse ensino era efetivado pelo professor de Ciências Naturais, no entanto, a sexualidade, a partir daí é estudada no interior da disciplina de Biologia, dando ênfase aos conhecimentos do corpo, girando em torno do aparelho reprodutor.

Retratando ainda o contexto francês, existiam posturas conservadoras relativo á questões sexuais, no âmbito da educação contra a ES apareceram várias posturas contrárias

que eram provenientes de pais e filhos. A ES era vista como uma prática que “poluía” a cabeça dos jovens, sendo considerada bem mais inadequada a informação do contexto de ES do que a falta de informação dos jovens, na visão de Werebe (1981, p. 108 *apud* LIMA JÚNIOR, 2008, p. 19) a ES foi concebida como um *mal menor*.

Retratando a ES no Brasil, o Estado passou a revelar seu interesse de acordo com os estudos de Lima Júnior (2008, p.21), no início do século XX, onde a grande preocupação do Estado era com ênfase nas questões biológicas, sobretudo com a reprodução da espécie.

De acordo com Barroso e Bruschini (1982 *apud* LIMA JÚNIOR, 2008, p.21), aproximadamente em 1915, no estado do Rio de Janeiro, as correntes médicas higiênicas que predominavam na Europa, influenciaram a prática da ES, percebe-se que o discurso médico pairava sobre os objetivos da ES, regulamentar a sexualidade, principalmente os atos de masturbação e as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) prevalecendo a meta da saúde pública e de um sujeito sadio.

Por volta de 1960, segundo Lima Júnior (p. 25, 2008) “as práticas de ES não sofreram alterações”. A edição do livro escrito pelo Padre Paul-Eugène Charbonneau, cujo título “Educação Sexual: seus fundamentos e seus processos”. Ele refere-se à conteúdos filosóficos, fundamentados nos dogmas cristãos e defendiam que ao abordar a sexualidade apresentasse a biologia, onde eram tratados conteúdos que se referem a reprodução das espécies.

Referindo-se ao papel desempenhado pela Igreja, Rosenberg (1985, p. 12 *apud* LIMA JÚNIOR, 2008, p. 25) ressalta que a Igreja Católica sempre foi contrária à ES na educação

No que se refere ao processo de implantação oficial da ES no Brasil, em 1963, no estado de Minas Gerais, a ES fazia parte do currículo de um colégio para alunos do 4º ano ginásial e, por causa das restrições dos familiares dos alunos, o programa durou apenas três anos.

De acordo com Lima Júnior (2008 p.25) os pais dos alunos, “imbuídos pela moral cristã secular, não admitiram que seus filhos entrassem contato com conteúdos referentes à sexualidade, pois eram considerados subversivos”.

A influência da igreja, sobretudo do cristianismo, neste contexto ainda é bastante forte, pois nesta época ainda se tinha a ideia de que temas relacionados à sexualidade a serem abordados na escola funcionando como algo que “perverte” os alunos sem ter a ideia que também podia ajudá-los, com um mínimo de informação sobre tal tema, que este pode levar para sua vida inteira esclarecendo suas dúvidas.

Já no ano seguinte, em 1964, de acordo com os estudos de Lima Júnior (2008, p.25), a ES passou a fazer parte de todas as séries no Colégio Pedro Alcântara, no Rio de Janeiro. Em 1968 os colégios Infante Dom Henrique, Orlando Roucas e André Maurouis seguiram a mesma prática.

Os alunos vieram a solicitar que as classes fossem mistas, a partir dos onze anos, e que os temas biológicos fossem abordados, mas, não somente estes, outros temas também, como, por exemplo, temas que se dirijam às dúvidas e problemas enfrentados pelos jovens. Esta iniciativa, considerada como *liberal* resultou, conforme afirmam Barroso e Bruschini (1982 *apud* LIMA JÚNIOR, 2008, p. 25), na *exoneração da diretora, na suspensão dos professores e na expulsão dos alunos. Ou seja, ainda “reinando” o conservadorismo na época.*

Na década de 1970, segundo Lima Júnior (2008,p.29), a ES estava relacionado com o papel exercido pelos movimentos feminista e de controle da natalidade, aliados á mudança sexual do comportamento do jovem. Tudo isto, contou com apoio do Centro Regional de Educação Sexual para Latino-América Y Caribe- CRESALC-, objetivando a elaboração de um programa de ES em universidades brasileiras.

Relativo a este programa citado anteriormente, de acordo Lima Júnior (2008, p.29):

Este desenho da sexualidade, constante no programa, desencadeia a discussão de um mesmo projeto educacional a quaisquer países de origem ibérica, observando as semelhanças socioculturais, passíveis de adaptações regionais.

O fato de existir semelhanças entre os referidos povos, porém, o viés universal que perpassa essa iniciativa, existem muitas particularidades que extrapolam as adaptações, sinalizando caminhos completamente opostos á vivência do sexo no Brasil e em outros países da América Latina . Programas e propostas como base universal, correspondem as diferentes faces da sexualidade e aos espaços que passa a ocupar,contudo as especificidades de cada povo devem ser projeto básico.

Na década de 1980, de acordo com Figueiró (1996, p. 17*apud* LIMA JÚNIOR, 2008, p. 30),se registra *a efervescência de publicações acadêmicas e científicas sobre o dado tema.*

Ainda no ano de 1980, segundo um dos estudos de Lima Júnior (2008,p.30), o estado de São Paulo celebrou o III Congresso Nacional de Educação Sexual nas Escolas, por iniciativa particular. Esse congresso, revelou o interesse de educadores pela implementação da ES.

De acordo com Rosenberg (1985, p. 16 *apud* LIMA JÚNIOR, 2008, p. 30), é neste congresso que são retratadas experiências relativas à ES nunca vistas antes na América

Latina, envolvendo os meios de comunicação de um modo geral, a mídia ,a rádio e televisiva como, por exemplo, o serviço telefônico para dar informações sobre sexualidade (1979);um programa de rádio (1979) e um programa de televisão (1980), no entanto, esses programas foram utilizados pelo meio universitário.

Despertando interesses de diferentes profissionais das diversas áreas, a ES levou Maria Helena Matarazzo a implantar serviços telefônico e de rádio para dar respostas a perguntas relativas à sexo e sexualidade. Outra pessoa que se interessou pela temática na mesma época, foi Marta Suplicy. Esta abordou a questão da sexualidade no quadro TV Mulher, na Rede Globo, contando com certas restrições por parte de grupos de mulheres e da censura federal. O programa abordava os conselhos e informações aos quais a sexóloga dava às pessoas retratando a materialização da sexualidade através da informação relativa ao sexo.

A partir de 1995, no Brasil, surgem preocupações com o aumento das DSTS, mais particularmente a AIDS, e, segundo Lima Júnior (2008, p. 44) percebe-se a emergência da utilização da prática da ES veiculada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS); (BRASIL, 1997, v.1 apud Lima Júnior, 2008, p. 44) no que redireciona sua postura.

Referindo-se a AIDS, tenta-se mais deter-lhe o fluxo, do que desenvolver uma preocupação com o desejo dos indivíduos, a AIDS comumente é situada como epidemia para a época.

Sob a ótica de Lima Júnior (2008, p. 44) a AIDS: “ não representa apenas epidemia, mas a peste que dentre outros aspectos, vem suscitando novas relações na arena da sexualidade e, por conseguinte, nas práticas sexuais–sociais ”.

No que se refere a AIDS como peste, lembramos da lepra, e situando-a a partir da análise de Foucault (2001, p. 54-65 *apud* LIMA JÚNIOR 2008, p. 45). Temos a exclusão dos leprosos, ocorreu na Idade Média, mais precisamente no seu fim.

Era uma prática social que, inicialmente, dividia, rigorosamente, os sujeitos sadios dos “ contaminados ” pela doença, a partir de um distanciamento, de uma regra de *não-contato*, entre um sujeito e outro, ou grupo de sujeitos, os rejeitando e confinando-os fora da cidade. De acordo com Lima Júnior (p. 45, 2008), essa exclusão envolvia um processo de desqualificação, não referindo-se a moral, mas jurídico e político, dos excluídos e expulsos, especialmente por estarem diante da morte.

Perante á pratica de exclusão, de rejeição, de marginalização, os sujeitos, eram impossibilitados de conviver com os outros sujeitos “ sadios ” em sociedade, sendo privados de quaisquer atividade que entre em contato com os demais sujeitos, que não estão contaminados com a doença.

Esta condição circulava em torno da AIDS, que, tanto pra o Estado como para a Educação, de um modo geral, Oliveira (2001 p. 12 *apud* LIMA JÚNIOR, 2008, p. 46):

[...] é um tema que diz respeito á política. A sua possível irrupção é o que norteia políticas de saúde como parte da biopolítica moderna [...] Ela está no deslocamento, nos anormais (loucos, deficientes, doentes crônicos, oranistas, libidinosos...)mas, também, nos artistas, nos subversivos, nos perigosos de quem a sociedade 'precisa' se defender.

No entanto, diante disto, a Educação e o Estado vem a destacar-se nesse cenário, uma vez que uma necessita da outra para que seja divulgado métodos de prevenção á AIDS, dirigindo-se á população e á cidade onde já possuem diversas pessoas contaminadas com esta doença.

A partir deste cenário, de acordo com Camus (2002, p. 60,58-59 *apud* LIMA JÚNIOR 2008, p. 47), “onde existem imposições políticas, morais, dentre outras, as pessoas resistem, ocorrem resistências ao instituído-territorial e moralmente-, pois os indivíduos rebelam-se, resistem ás normas e fazem dela um acontecimento, mesmo doloroso”.

No entanto, diante desta “epidemia” que marcou esta época, percebe-se o quanto houve intervenções da Educação como forma de informar a prevenção diante destas questões, também surgiram outras que envolvem a ES, por exemplo, questões referentes á pessoas do mesmo sexo, e outras práticas constitutivas do quadro da luxúria, como sendo um pecado o sexo antes do casamento.

As preocupações e intervenções dos profissionais sobre estas temáticas, não circulavam apenas em torno da oposição hétero / homo, mas também, em torno daquilo que aparecia e muitos o julgavam como algo “anormal”, diferente do que se observa comumente na sociedade.

No entanto, percebemos o quanto a sexualidade juntamente com a ES causam um certo “impacto” diante da sociedade, pois são termos muitas vezes considerados polêmicos, que tratam de temas onde muitos agem com resistências de um modo conservador, gerando preconceito e discriminação. Um exemplo disto, é trazendo para a nossa atualidade, o casamento de pessoas do mesmo sexo e o surgimento da AIDS, que gerou tantas mobilizações e tanto discursos de prevenção.

Com base nos principais acontecimentos que marcaram a ES, no que se refere a sua implementação nas escolas, entre as décadas de 1920 a 1990, mesmo contando com algumas

solicitações, a ES vem enfrentando dificuldades e muitas vezes, resistências para se instalar na Educação ainda sendo vista como algo que polui e perverte os alunos.

A partir dos acontecimentos relativos à ES, tendo em vista as diferentes iniciativas a favor ou contra sua implementação, ela começa a trilhar novos rumos, sendo marcada por uma diversificação de discursos das diversas áreas profissionais que passam a construir a sua trajetória na sociedade de um modo geral. Um fator importante veio sobretudo, como o surgimento dos PCNS que trazem na proposta de trabalhar a ES como sendo um dos temas transversais, afim de dar suporte ao professor e que este auxilie seus alunos nesta nova empreitada.

3.2 Definições

O que objetiva-se neste tópico, é definir a Educação Sexual (ES) de modo a abordar o que esta trata, qual a sua finalidade no contexto escolar, e quais são os tabus que esta tenta quebrar diante da sociedade em que vivemos.

No que se refere à Educação segundo Lima Júnior (2008,p.37), é que esta, se constitui num dos espaços que subsidia a operacionalização da sexualidade com a Educação Sexual (ES).

ES é o termo dado ao processo de esclarecer assuntos relativos á sexualidade, para os alunos das diferentes etapas escolares. A ES, aborda vários temas como, por exemplo, sexo, gravidez, métodos contraceptivos. Outros temas que dizem respeito à ES são os temas voltados para a homossexualidade. Esses geram várias discussões entre alunos, pais e professores no âmbito escolar e fora deste.

Para Lima Júnior (2004, p. 32-33) “envolta, ainda, nas malhas do território, a ES perfila sua prática atravessando os diversificados campos de conhecimento. Trata-se, ainda, de um território jurídico-político, porém, com uma base moral presente aos discursos dos campos disciplinares”.

Observa-se que a ES perpassa por diversos campos de conhecimento e, o quanto este tema é de suma importância na nossa sociedade, pois em diversos momentos de nossa vida, sempre vem a tona algo que se diz respeito á ES e à sexualidade de um modo geral.

De acordo com Lima Júnior (2009,p. 176)“calcando na compreensão da ES como prática educativa intencional, percebe-se que seu grande pórtico é o delineamento do perfil do

'sujeito sexual' e, concomitantemente, do profissional encarregado da tarefa de ensino e orientação da sexualidade na escola ``.

A respeito do sujeito sexual, segundo Paiva (1996, p. 216-7 *apud* LIMA JÚNIOR 2008, p. 176) diz:

É o indivíduo capaz de ser agente regulador de sua vida sexual, significando na prática:a) desenvolver uma relação negociada com as normas da cultura, familiar e de grupos de pares;b) explorar (ou não) a sexualidade independentemente da iniciativa do parceiro, c)conseguir dizer não e ter esse direito respeitado;d)negociar práticas sexuais que sejam prazerosas para si, desde que aceitas pelo parceiro e consensuais; e)conseguir negociar sexo seguro;f)ter acesso aos meios materiais e serviços para efetuar escolhas reprodutivas, contraceptivas e de sexo seguro.

Entendemos ,diante da definição que o autor coloca como sujeito sexual que colocando em prática o que ele argumenta sobre o tema que é um pouco `` ilusório `` , pois,é muito difícil encontrar um sujeito que faça cumpra todas estas demandas colocadas pelo autor,visto que muitas vezes não há a negociação do sexo seguro. Um exemplo disso ,é um casal já em matrimônio onde o homem não aceita usar camisinha e a mulher procurará outros meios de prevenir a gravidez,usando anticoncepcionais,onde se o marido tiver relações com outras mulheres e ser infectado com alguma doença sexualmente transmissível,sua esposa não poderá se prevenir,pois o seu marido não usa a camisinha em suas relações sexuais,ou seja,muitas vezes não há uma negociação de um sexo seguro entre o casal .

O sujeito sexual situado pela ES, é um produto de uma prática que domestica, interdita, e faz com que a ES produza um indivíduo orientado sexualmente. Esta prática não trabalha com o que diz respeito aos instintos, e, muitas vezes esses causam bastantes inquietações dentro do âmbito escolar. Cenas que podem ser flagradas pelos professores e demais funcionários, como, por exemplo, meninas sentando no colo dos meninos, ou o menino alisando a menina, dentre outras cenas semelhantes, muitas vezes os professores não sabem lidar com essas situações e apenas a observam ou repreendem os alunos principalmente pelo fato de serem alunos de 1º ao 5º pois , muitos educadores não saberem lidar diante de tais acontecimentos.

De acordo com Lima Júnior (2009, p.177), `` embora o erotismo não se faça presente de forma explícita nas práticas educativas escolares, existem novas formas singulares de erotismo que retratam os instintos ``.

No que se refere ao imoralismo (Wilde, 2001 *apud* Lima Júnior, 2009, p. 177), destaca que este não reitera posturas `` superficiais `` , uma vez que deve aguçar a `` imaginação``,

fazendo essa postura revestir-se em possibilidade para identidades duráveis que são construídas no espaço das referidas práticas.

A ES, diante da produção do sujeito orientado sexualmente, sob a ótica de Lima Júnior (2009 p.177), “apresenta-se diante de um misto de dúvidas de sua viabilização”. Pois mesmo a ES sendo referendada pelo Estado, por parte da sociedade e da educação escolar, esta, ainda é uma prática bastante complexa e é recebida, na sociedade de um modo geral e no âmbito escolar, com bastante resistência.

Em meio as questões que denotam inquietações para a Educação e para a sociedade de um modo geral algumas delas referem-se ao interesse do Estado nas práticas de ES na escola, mais precisamente, como um modo de implementar a ES com o objetivo de prevenir e informar sobre Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS ou SIDA).

Envolvendo a escola nesse contexto, os professores e alunos demonstram expectativas quanto à ES na escola, principalmente pelo fato de compreenderem que a ES está voltada mais precisamente para as práticas sexuais; esquecendo que há muitos outros temas não dirigindo-se apenas as práticas sexuais, e a postura do professor ante as diferentes demandas postas à sua prática, que a cada dia que passa surgem novos temas relativos à sexualidade e ES além da sociedade está associada neste contexto, na elaboração de leis que se relacionam com a temática e, muitas vezes geram polêmicas e discussões sobre o assunto.

Os conteúdos a serem implementados na sala de aula que dizem respeito à ES vão de acordo com cada docente desta dada disciplina. Este docente, planeja, organiza, ensina e executa ações educacionais, como qualquer outro professor de qualquer área do conhecimento, particularmente, este orienta e informa seus alunos sobre sexo, sobretudo, o professor de ES assume uma posição diferenciada por se tratar de ser um profissional que lida com comportamentos sexuais dos indivíduos.

Segundo Lima Júnior (p. 179, 2008) “este profissional é colocado como especial, uma vez que existem demandas que apontam uma formação específica”. Este é o que chamamos de “educador sexual”.

No que referimos à prática deste profissional Lima Júnior (2009 p.179), ressalta:

A prática deste professor cujo trabalho com a ES prisma pela formação dos alunos pela disciplinarização de seus comportamentos, particularmente sexuais. O professor é o encarregado de trabalhar conteúdos de aprendizagens diversificadas no cotidiano escolar. Quanto aos conteúdos de ES, trava-se uma grande polêmica em torno de quem deve ou não ensiná-los. É o professor? Ou o designado educador sexual, treinado especialmente para esse mister?

Segundo Abdo (1991, p. 371 *apud* LIMA JÚNIOR, 2009, p. 179) apenas o domínio de conhecimento e a "resolução de sua própria sexualidade" seriam condições suficientes para traçar o perfil do educador sexual. Já diante da perspectiva de Loewenstein (1997, p. 59 *apud* LIMA JÚNIOR, 2009, p. 179) "independentemente da idade, status e profissão, o educador é cada um de nós que se coloca disponível ao outro como interlocutor". Diante destas colocações, se acirra o debate e surjam cada vez mais novos questionamentos.

No entanto, a sexualidade e ES retrata da neste contexto é ponto de muitas polêmicas, polêmicas estas que não são recentes, pois vem de muitos séculos anteriores ao o nosso. Na realidade, segundo Lima Júnior (p. 179, 2009) "esse não é o aspecto nelvrágico da questão, trata-se de um professor que exerce suas relações de poder-saber no interior da escola. São micro poderes que lá circulam. Todos tem poder sobre os alunos, não apenas o professor".

Referente o ser intelectual, Foucault (1979, p. 9-10, 14 *apud* Lima Júnior, 2009, p. 180) mostra que o seu papel sofreu transformações nos últimos tempos, sobretudo com a relação á teoria-prática, não se tratando de um "intelectual universal", mas de um "intelectual específico". Este último, se preocuparia apenas com questões locais que dizem respeito á vida das pessoas de acordo com suas necessidades do cotidiano.

Sob esta ótica, na visão de Lima Júnior (2009, p. 180) o professor é:

Um intelectual cuja prática é perfilada por relações de poder-saber. Ele, apesar de assumir um discurso generalizado, exercendo uma postura que visa interceptar os fluxos instintivos dos alunos, pode reverter esse quadro, preocupando-se com as necessidades dos alunos. Ele minará as relações de poder-saber em cada situação específica de aprendizagem e porá a nu a "zona cinza do não dito", ou seja, o que comumente não se vê, não se ouve, não se comenta, inclusive o prazer, os afetos.

De acordo com esta afirmação, o professor é um intelectual que tem o poder de decidir o que ministrar em suas aulas, analisando o que é de melhor absorção para os alunos, facilitando sua aprendizagem, e observando os comportamentos diante de tais temáticas apresentadas na ES. O docente pode apresentar resistências tendo em vista a emergência de práticas surpreendentes no interior da Educação e da escola, a prática deste intelectual perpassará por uma dimensão inovadora, onde este, tem o poder de mudar sua sala de aula, e de certa forma, a escola onde exerce seu trabalho.

Para Deleuze e Guattari, (1995, p. 11-2 *apud* LIMA JÚNIOR, 2009, p. 180), existe o respeito aos mandamentos do professor, que "não se constituem em posturas exteriores" nem se somam ao que eles veiculam ou ensinam.

No que se refere aos PCNS, atualmente, estes chamam os professores para o desenvolvimento de suas práticas em consonância com os discursos que oscilam entre a disciplina e o controle. De acordo com Veiga - Neto, (2000 *apud* LIMA JÚNIOR, 2009, p. 181), esses fazem parte do “cotidiano das práticas educativas e escolares”.

O cotidiano em que todos nós vivemos, é capaz de fornecer os instrumentos para que se reflita sobre as questões levantadas em sala de aula, questões trazidas da mídia ou até mesmo de algum acontecimento ocorrido com algum aluno ou alguém próximo à este. É preciso ir relacionando estes com os PCNS e a ES, considerando-se que no interior de cada prática específica poderemos mapear nuances das práticas dos docentes, sinalizando os possíveis sentidos de sua postura como interlocutor do discurso dos PCNS, da ES e da sexualidade.

Os sentidos da ES na moldura dos PCNS, segundo Lima Júnior (2009, p. 185) “denotam o poder do Estado, da educação e dos micro poderes que circulam no cotidiano escolar”. Sob a ótica de Foucault (1988 *apud* LIMA JÚNIOR, 2009, p. 185), “são táticas que dão forma à “vontade de saber” a respeito da sexualidade e da ES no cotidiano”.

A ES prolifera temas acerca da sexualidade para reordenar o comportamento dos alunos, sobretudo diante dos mais variados assuntos como as DSTs levando o Estado a intervir. Contudo ainda ocorre a premissa apresentada por Guimarães (1995, p. 12 *apud* LIMA JÚNIOR, 2009, p. 186) de que jovens discutem e aprendem sobre sexo numa espécie de submundo escolar, o “mundo proibido”, mundo este que é aprendido e discutido pelos jovens através das informações que estes recebem da internet, televisão, dentre outros meios, que não são referendados pela escola, onde se encontram vários “grupinhos de amigos”, fazendo-nos refletir que este tipo de comportamento não surgiu apenas nos dias de hoje, mas de várias épocas passadas o que baliza a compreensão de que os diferentes sentidos produzidos pela ES, vem gerando desdobramentos na prática docente.

Diante do que vem acontecendo na escola, sobretudo em relação a ES, aponta Lima Júnior (2009, p. 186):

Esses acontecimentos apontam possíveis recortes da ES no momento atual. Isso revela que a ES vem causando desdobramentos nas práticas educativas escolares, especialmente na prática dos professores. Entre esses desdobramentos menciona-se a prática curricular voltada para concepções que priorizam a dimensão disciplinar, em detrimento de um projeto voltado para os instintos, revelando que a questão curricular denota lacunas a respeito dos raios da sexualidade.

Isto nos faz observar o quanto a ES engloba os mais variados temas, fazendo com que, nós como educadores ou futuros educadores diante das práticas educativas escolares em

níveis diferenciados de percepção, repensemos, a compreensão acerca do discurso da sexualidade, bem como o papel que a ES tem dentro do âmbito escolar. Um outro aspecto a ser compreendido diz respeito a leitura e a compreensão pelos profissionais docentes, sobre a ES propiciando condições para que o professor exerça seu trabalho com a ES de modo que todos da escola caminhem juntos de forma harmoniosa os alunos, os professores e as famílias .

3.3 Orientação sexual

Objetiva-se neste tópico, abordar a Orientação Sexual (OS) mostrando qual o seu significado, o que esta vem a retratar diante da sociedade de um modo geral, e, como esta é vista e trabalhada como um tema transversal designada pelos PCNS.

A orientação sexual é um termo que provoca muitas polêmicas e discussões. No entanto, muitos definem orientação sexual como sinônimo de “opção sexual” ou seja, com a pessoa escolhe com quem se relacionar, seja com alguém do mesmo sexo sendo denominado homossexual, ou relacionar-se com o sexo oposto, sendo denominado heterossexual, também pode ser uma pessoa que é atraída pelos dois gêneros, masculinos e femininos, denominando-se bissexual, ou mesmo como o assexual (que não é atraído por nenhum gênero) ou pansexual (atração independente do gênero).

Levando a orientação sexual (OS) para o contexto da educação sexual nos PCNS, esta, é a designada de OS . Esse é o termo usado nos temas transversais dos PCNS, não sendo só apenas como foi situado anteriormente como “opção sexual”, mas também, como um tema a ser discutido na escola dentro dos PCNS para a orientação das crianças e jovens com os diversos tipos de assunto que incluem a sexualidade de um modo geral.

Relativo aos reflexos das práticas de OS nas escolas, de acordo com Lima Júnior (2004, p.34), os PCNS “esclarecem que, inicialmente, as famílias mostraram-se resistentes”. Nos dias de hoje, as famílias dos alunos reconhecem o quanto a OS é importante para as crianças e jovens, tendo em vista a falta de espaço para a abordagem da sexualidade no convívio familiar, assim como o receio, ou vergonha dos pais de não se sentirem preparados para dar explicações referentes à questões sobre sexualidade e sexo.

Referindo-se às crianças, estas, cada vez mais estão rodeadas com uma variedade de fontes informativas como livros e a internet, englobando a mídia neste contexto . Essas são

ferramentas onde as crianças tem em mãos e acabam utilizando destas para se informar e muitas vezes, essas informações de um modo inadequado.

O trabalho da OS para a ação da escola é de modo complementar á educação dada pela família. À respeito da família, segundo Deleuze, (1992, p. 220 *apud* LIMA JÚNIOR, 2004, p. 34) se diz que `` a família está em crise como qualquer outro interior, escolar ou profissional ``. Ou seja, ela e a família é um destes locais que estão em crise também devido muitas vezes, a falta de diálogo de pais e filhos.

O Estado sempre lança mão de reformas `` necessárias `` , com o propósito de modificar a escola, a indústria, o hospital, o exército, a prisão, no entanto, todos estes aparatos institucionais citados estão condenados em um longo prazo, pois muitas vezes, o Estado não faz o que promete e quem se prejudica são os usuários de um certo local . Na escola os usuários são os alunos e suas famílias.

Ainda referindo-se á família, trilhando nos PCNS, de acordo com (Foucault, 1988, p. 103 *apud* Lima Júnior, 2004, p. 34), "é uma tecnologia de poder que visa a um sujeito fiscalizado/sadio, a família, dentre outros visores, assume o papel de órgão de vigilância, e de agente de medicalização".

No que se refere à ES situada nos PCNS como um tema transversal, de acordo com Lima Júnior (2004, p.35), `` é perpassada pelo discurso da interdisciplinaridade `` , os prefixos que envolvem (inter) e (trans) disciplinar, a ES trabalha os assuntos referentes à sexualidade transversalizando os campos disciplinares.

A respeito da ES na transversalidade, é dito que as referidas preocupações contemporâneas do universo escolar são, atualmente, expressas como temas transversais, como, por exemplo, assuntos que se referem á ética, o meio ambiente, a saúde, a pluralidade cultural e a orientação sexual, são temas que abordam questões relacionadas á igualdade dos direitos ,á solidariedade dentre outros aspectos onde se referem aos papéis do ser humano diante da sociedade.

No que se objetiva na introdução da ES no módulo transversal, se faz necessário observar o trabalho realizado pelas outras disciplinas introduzidas dentro da escola como a Língua Portuguesa, matemática, história, geografia, ciências Naturais, artes e Educação Física.

Considerando-se, para Lima Júnior (2004, p.36) " que estas disciplinas não são suficientes para obter fins anteriormente propostos". Destaca-se, ainda, que foi feita a opção para tratar as áreas especificamente em seu meio instrumental, contemplando-se a integração entre elas, ou seja, que relacione outras disciplinas com a OS como por exemplo, com

trabalhos de Língua Portuguesa envolvendo temas que dizem respeito à OS, ou seja, havendo a prática transdisciplinar.

Percebe-se o quão é importante a abordagem de novas áreas e seus respectivos temas transversais. A escola deve tratá-los com a mesma importância não deixando nenhum de fora, pois cada um tem sua característica e importância. Assim, “a escola, deve contribuir nesse processo, pois se preocupa com a formação de sujeitos para o exercício da cidadania” (BRASIL, 1998a, p. 138 *apud* LIMA JÚNIOR, 2004, p. 36).

No que diz respeito ao ensino e aprendizagem Lima Júnior (2004, p.36) ressalta:

o ensino e a aprendizagem não serão isolados, pois na relação entre os temas e as áreas priorizar-se-ão objetivos e conteúdos do meio social. As questões constitutivas dos temas serão enfatizadas claramente, contando com conteúdos provenientes de campos disciplinares para dar-lhe respostas. A sexualidade destaca-se como uma das questões sociais urgentes, e, no interior dela, a OS como um dos temas transversais.

Para que se atenda a estas questões designadas como mais urgentes referentes à sexualidade, salienta-se que para sua obtenção opta-se por integrar a OS nos PCNS, mediante a transversalidade, significando que a concepção, os objetivos e conteúdos propostos pela OS devem estar priorizados pelas diferentes áreas do conhecimento, como todos os outros temas transversais, a OS será implementada na prática educativa escolar.

Relativo aos conteúdos que fazem referências aos procedimentos dos PCNS Lima Júnior (2004, p. 37) ressalta:

Procedimentos utilizados pelos PCNS assumem uma perspectiva polivalente. A assistência às pessoas é feita por especialistas, cujas especificidades são colocadas na designada transversalidade. Trata-se do especialista, pluri /inter/transversal . É uma nova forma de assistência, não apenas clínica/terapêutica, mas também discursiva/informativa, na qual se acionam saber/poder.

Percebe-se, o quanto os PCNS têm um papel fundamental no que se refere ao modo de abranger diversos temas sociais dentro da escola, trabalhando com a interdisciplinaridade e transversalidade, o que faz com que se tenha diversos profissionais das diversas áreas do conhecimento para que se trabalhe de forma correta no âmbito escolar.

Referindo-se às 1º à 5º ano do ensino fundamental nas escolas, tratando-se da OS, no primeiro e segundo ciclo, os trabalhos aos quais estão sendo desenvolvidos indicam que os alunos trazem para sala de aula questões referentes à sexualidade.

De acordo com os PCNS ao tratar-se de OS: “ busca-se considerar a sexualidade como algo inerente á vida e á saúde, que se expressa desde cedo no ser humano ” .

Curiosidades ocorrem em função da compreensão do “ relacionamento sexual, das transformações no corpo ao longo da puberdade, dos mecanismos da concepção, da gravidez e do parto ” . (BRASIL, 1997, v.10, p. 137 *apud* LIMA JÚNIOR, 2004, p. 37).

No que se refere a objetivação dos conteúdos de OS de acordo com Lima Júnior (2004, p. 37):

Objetivando a fidedignidade dos conteúdos de OS, além de tomarem os devidos cuidados para que eles fossem assegurados de forma operacional, algumas exigências foram colocadas. Os conteúdos de OS foram priorizados de acordo com critérios, como, por exemplo, o da responsabilidade sexual.

Percebe-se que ao se eleger conteúdos, não foram observados apenas aspectos conceituais que propiciam informações sistemáticas. Isso ocorreu em função dos aspectos que se referem a procedimentos e atitudes, ou seja, os conteúdos incluídos dentro da OS são conteúdos não apenas informativos, mas, que exigem a opinião de cada um.

Contudo os conteúdos foram organizados em três blocos: “ corpo:matriz da sexualidade.Relações de Gênero. Prevenção ás Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS” . (BRASIL, 1997, v 10, p. 138 *apud* LIMA JÚNIOR, 2004, p. 38).

Ainda, no que diz respeito aos conteúdos de OS listam temas como:“ pornografia, prostituição, abuso sexual, métodos contraceptivos, desejo sexual, transformações do corpo na puberdade, iniciação sexual, masturbação”... (BRASIL, 1997, v.10, p. 138 *apud* LIMA JÚNIOR , 2004, p. 38)

Sob a âncora dos PCNS, a educação se encarrega de trabalhar assuntos que dizem respeito à “ saúde e doença ” . Circulando como encargo coletivo, a saúde tratada nos PCNS enseja a responsabilidade de todos. A população sendo função do Estado de informar principalmente a população escolar com o fim de preveni-los contra as doenças que rodeiam a sexualidade.

A educação entra com o papel de redirecionamento dos comportamentos sexuais, onde as disciplinas são articuladas, sob a ótica de Lima Júnior (2004, p. 41):

os PCNS são a expressão da polícia na educação, sua visibilidade é a do Panoptico-modalidade de poder que se pauta, fundamentalmente, no exame, tratando-se de um sujeito/supervisionado, o conjunto dos profissionais recebe o nome genérico de policiais da Educação.

No que se refere a polícia, que “ vigia ” o corpo individual, social, Foucault (1979, p. 197) designou de polícia; “ Não somente a instrução policial; é o conjunto dos mecanismos pelos quais são assegurados a ordem, o crescimento canalizado das riquezas e as condições de manutenção da saúde em geral ”.

No que se refere a compreensão da abordagem proposta no trabalho de OS, coloca-se a distinção entre os conceitos de corpo e organismo. O corpo se refere às possibilidades de apropriação subjetiva das experiências na integração com o meio.

Ao que se refere aos blocos de conteúdos incluídos dentro da OS, discorrer-se-á sobre o corpo/matriz da sexualidade e a prevenção das DSTS, os principais conteúdos trabalhados dizem respeito a elas, pois são colocadas de forma genérica enfatizando-se a doença, de modo a esclarecer fatos ocorridos e preconceitos com ambas relacionados.

Diante destas questões que envolvem as DSTS, os PCNS operam com forma de medicalização, não se prendendo aos efeitos de um remédio propriamente dito.

É uma perspectiva resultante da medicalização autoritária de acordo com (Foucault, 1979, p. 195 *apud* LIMA JÚNIOR, 2004, p. 43), relacionando-se com a prática dos dispositivos de disciplina e de controle. De acordo com Lima Júnior (2004, p.43), “ com o intuito de apoiar esse processo, os PCNS contam com as Organizações não Governamentais (ONGs), dentre outros aparatos ”.

No transcorrer das discussões relativas às DSTS e a AIDS, a OS deve-se desligar a sexualidade de tabus e preconceitos, mostrando-a como um aspecto relacionado com o prazer e a vida, de modo simplificado para com que todos possam entender de uma maneira clara e objetiva.

Referentes ao trabalho de OS nas 6º ao 9º ano do ensino fundamental, o trabalho tomará como ponto de partida as questões referentes à aprendizagem social, propiciando infinitas possibilidades da sexualidade humana, englobando todos os contextos que dizem respeito à sexualidade e à OS.

Referindo-se à OS no ensino médio, esta, não é delineada explicitamente pois uma vez que este nível de ensino é parte constituída da educação básica, a OS sendo um tema transversal se faz presente aos documentos introdutórios do Ensino Fundamental.

A proposta do Ensino Médio foi desenvolvida a partir do referencial básico que diz respeito à vinculação com a nova LDB, a respeito do caráter do Ensino Médio como etapa final da educação básica, complementando o aprendizado iniciado no Ensino Fundamental (BRASIL, 1999, v. 3, p. 9 *apud* LIMA JÚNIOR, 2004, p. 46).

Voltando para a ES relacionando-se com os PCNS , esta primeira, considerada como uma temática, assumiu um estatuto transversal, que permeou os diferentes campos disciplinares para que estes encarregassem de disseminá-la onde almejou alterar comportamentos sexuais, ajustando-os à norma vigente, calcada no binômio educação/prevenção.

No que se diz respeito as estratégias veiculadas pelos PCNS, estas, não atingiram o alvo esperado “ a regulamentação dos comportamentos, como ressalta Lima Júnior (2004, p. 47) “ envoltos num misto que vai além dos resquícios de disciplina e de ingerência do controle, eles começaram a desmoronar e a apresentar indícios de falência. Ou seja, percebe-se que o trabalho de OS não está apenas contido no âmbito dos PCNS.

A cada dia que passa, surgem vários fatos, acontecimentos ocorridos na sociedade que podem ser trabalhados dentro do âmbito escolar que auxiliam professores e alunos no processo de ensino aprendizagem.

Por fim, entendemos que a OS é um dos temas contidos nos PCNS que necessitam ser implementadas dentro das salas de aulas nas diferentes etapas escolares, e, mesmo diante das resistências da família de início referente a abordagem de OS na escola depois estes mesmo perceberam que a OS juntamente com a ES e a sexualidade de um modo geral auxiliam na vida de seus filhos informando muitas vezes, assuntos que os próprios pais não tem “coragem” de explicar.

No entanto, a OS sendo implantada de modo transversal é bastante importante na vida do aluno, pois este irá aprender de um modo facilitado, mas, é preciso o suporte do Estado e da educação de um modo geral, para que ofereça instrumentos para que o professor trabalhe com seus alunos de um modo prazeroso para si mesmo e para seus discentes.

4 A EDUCAÇÃO SEXUAL NA PRÁTICA DOCENTE

Este capítulo vem a abordar, a educação sexual (ES) dentro da prática docente, especialmente em nível teórico, observando os diferentes sentidos que esse tema traz ,pois, nos faz refletir e discutir sobre diversos assuntos que o envolvem ;o espaço curricular em que a ES está inserida, os componentes curriculares se inserem dentro dos referidos temas que os professores abordam em sala de aula, dentre outros aspectos. O conhecimento escolar que se referem á ES , também se destaca neste contexto, a sexualidade, que nos vem mostrar sua materialização no âmbito dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), como a sexualidade é mostrada nestes Parâmetros, e os argumentos e opiniões de diversos autores que nos auxiliam nesta discussão.

4.1 Os diferentes sentidos

Temos o intuito de analisar os diferentes sentidos que permeiam dentro do âmbito escolar retratando o tema de sexualidade e a ES e seus diferentes aspectos.Iremos mostrar que sentidos são esses que permeiam a escola e a sexualidade de um modo geral.

Deste modo, segundo Lima Junior (2009 ,p.173), a sexualidade materializa-se nas práticas sociais, educativas escolares, e, singularmente, na educação sexual, diante da prática docente. Esta vem a produzir um sentido particular, que considera as demandas reservadas para os professores, em cada época e espaço.

Os discursos permeados nos diversos âmbitos da sociedade que se referem à sexualidade produzem sentidos, que são produtos da cultura e das práticas sociais. Os sentidos são formados de diferentes maneiras no contexto da sexualidade e na sociedade de um modo geral. Estes diferentes sentidos permeiam, também se entrelaça nas práticas educativas escolares, pois esses sentidos ocorrem em função dos objetivos que perfazem sua pauta em determinadas épocas e espaços, sentidos esses formados nas diferentes maneiras e domínios de cada prática específica, dentre elas as vivências diversificadas que permeiam dentro da disciplina e controle dos indivíduos.

De acordo com Lima Junior (2009, p.174) sobre o rol dos diferentes sentidos, mencionam-se o movimento histórico da sexualidade e suas formas de materialização nas

práticas educativas escolares; a leitura que os profissionais fazem do processo e como se desencadeiam as táticas para executar os conteúdos da ES.

Sob o ponto de vista histórico a sexualidade situada por Foucault (1979, p. 243-4, 1988, p. 75) foi tornada no século XVIII, como um campo de conhecimento, envolvendo diversos aspectos. A história da sexualidade na sociedade, ocidental veio a assumir suas características e os diversos aspectos singulares cujo nesse período.

No que se refere à cultura no ocidente, a sexualidade está dentro dos diferentes discursos de poder e saber sobre as práticas sexuais no século XVIII e a partir disto, surge o que é lícito e ilícito.

De acordo com Lima Júnior (2009, p.175) a ES é passada como: “ Um processo sistematizado que se materializa no bojo de uma instituição educacional balizada pela disciplina e pelo controle do corpo e da alma dos alunos ”.

Isso remete a discussão da ES e sexualidade na educação. Percebe-se que diante do Estado, a ES surgiu dentro da educação, com o fim de “ disciplinar ”, “ controlar ” os sujeitos de modo que estes possam ter informações referidas a sexualidade mas, de um modo "vigiado" perante a instituição.

No início do século XX, a ES voltou a ser um dos pontos de discussão da educação de uma forma bastante complexa, pois existiam defesas para a sua implantação, por parte de pessoas que não tinham envolvimento com o Estado. Estes perceberam que a ES seria importante na vida dos indivíduos. Já o Estado, descartava a ES admitindo-se apenas assuntos específicos, para atender as suas demandas.

O Estado passou a ter interesse pela ES devido a preocupação com a reprodução dos indivíduos. Entrando neste contexto, o discurso médico vem com o objetivo de administrar e regulamentar as práticas sexuais tendo ênfase sobre o surgimento das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e os atos de masturbação.

No final do século XX, a ES é vista como uma solução perante aos problemas referindo-se ao contexto de sexualidade, assim como, a Educação e seus interlocutores tendo a responsabilidade de auxiliar na transformação na vida dos indivíduos, especificando para o contexto sexual. Segundo Foucault (1987, p. 81, *apud* LIMA JÚNIOR, 2009, p. 175) “ no que se refere ao discurso que emana do Estado, referente ao lema de prevenção em geral, se busca reordenar a vida e as práticas sexuais, em função das novas arquiteturas de poder-saber que emanam o Estado, como, por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) ”.

A ES vem a ser abordada como prática educativa escolar de uma forma intencional e sistematizada, correlata os contextos onde se designam a sexualidade. Partindo desta

compreensão de ES como uma prática educativa intencional, percebe-se que seu grande objetivo no que se delineia diante desta prática, é o “ perfil do sujeito sexual ” e, sendo o profissional responsável por abordar, ensinar e orientar assuntos referentes á sexualidade na escola, deste perfil nos alunos.

Isso nos remete a conceder esse sujeito sexual como alguém que vive em ter harmonia com seu parceiro que pratica consenso por sexo seguro de modo a abdicar dos seus direitos como sujeito e assim, ter uma vida sexual segura e harmoniosa com o seu parceiro. Referindo-se ainda sobre o sujeito sexual, agora situado pela ES, esta vem como produto de uma pratica que domestica e interdita o indivíduo. Esta prática não trabalha com os instintos nem os fazem virem á tona, pois esta a ES, produz um sujeito orientado sexualmente .

Retratando dos acontecimentos vivenciados por diversos educadores em diferentes escolas da sociedade, percebe-se, o quanto as crianças e adolescentes estão cada vez mais “aflorando” seus instintos, do modo que a menina sentar no colo do menino, fazendo deste ficar excitado com o acontecimento, dentre outros aspectos com cada vez mais a vaidade da menina de colocar batom e se maquiar, por mais que ela goste, mas também é para chamar atenção dos meninos, e os meninos, querendo mostrar ser “ maduro suficiente ” para fazer coisas que nunca fez antes para chamar atenção dos outros a sua volta e a reação dos professores perante tais comportamentos, que muitas vezes os pegam de surpresa, sem saber se os repreende colocando como o que estes estão fazendo está errado, ou, simplesmente fingir que nada está ocorrendo na sala de aula.

Diante de tais acontecimentos, ressalta Lima Júnior (2009,p.177):

Esses acontecimentos mostram que, apesar dos interditos se fazerem presentes, as crianças pervertem a norma e instauram resistências. A guerra da criança é para alcançar o objeto de prazer. Não é guerra prolongada que marca a vida dos adultos. Embora o erotismo não se faça presente de forma explicita ás práticas educativas escolares, existem formas singulares de erotismo que retratam os instintos.

A ES apresenta-se em meio a muitas dúvidas diante de sua visibilidade, mesmo sendo referendada pelo Estado e os outras organizações .Todavia a ES ainda é uma prática bastante complexa no nosso cotidiano. As questões as quais surgiram e tornaram de modo inquietante e vieram a fazer com que o Estado tomasse interesse pela ES foram as questões relativas á AIDS ou SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) dentre outras relacionadas a isto, além, no ponto de vista educacional, a postura do professor ao lecionar

conteúdos sobre ES e o modo de compreensão dos alunos, além da expectativa destes ao estudar conteúdos de ES.

Relativo ao ensino dos conteúdos o profissional que aborda assuntos de ES, este, trata-se de um profissional que planeja, organiza e executa suas idéias além de lidar com os diversos comportamentos sexuais, este de acordo com Lima Júnior (2009,p.179) ;é colocado como especial, uma vez que existem demandas que apontam uma formação específica. Ele é o “educador sexual”.

No entanto, a grande polêmica vem a surgir desde muito tempo pois surge a pergunta: O professor que trabalha com seus alunos outros assuntos sem ser ES, pode ensinar conteúdos de ES? Ou só quem pode ensinar conteúdos de ES é o profissional que tem formação específica?

Esta polêmica vem de muito tempo, mas, na realidade, muitas vezes, o professor encarregado de abordar questões de ES é o mesmo que trabalha todas as outras disciplinas dentro da sala de aula, e, muitas vezes, este, tem informações sobre os conteúdos de ES com a mídia não tendo nenhum tipo de estudo específico dos PCNS na área de sexualidade, na maioria das vezes, o professor passa para os seus alunos o que este adquiriu por experiência própria.

No que se refere sobre os PCNS, percebe-se que uma de suas principais metas é a questão interdisciplinar, onde demarcam os espaços da disciplina, mas já instituem o projeto do controle na educação. Os PCNS instituem normas, padrões, que devem ser seguidos pelos diferentes profissionais, ou seja, é um parâmetro de controle, que vem com o intuito de controlar os indivíduos de modo a vigiá-los para saber de todas as atitudes por estes tomadas. Diante da ES, sob o domínio dos PCNS, percebe-se que a ES tem seus diversos sentidos gerando desdobramentos na prática do professor, esses diferentes sentidos da ES sob a moldura dos PCNS denotam o poder do Estado, sobre a educação e a tudo que faz parte do âmbito e contexto escolar. Essas táticas que o Estado toma sob o domínio dos PCNS e da ES é, na visão de Foucault (1988) a forma de “vontade de saber” a respeito da ES e da sexualidade e de um modo geral no cotidiano que o rodeia.

De acordo com Lima Júnior (2009 , p.185): “a ES prolifera a sexualidade para reordenar os comportamentos dos alunos. Isto ocorre, sobretudo, com o advento da AIDS, levando o Estado a intervir”.

Ou seja, de acordo com o autor, podemos entender que o Estado usa a ES como um meio de controlar os indivíduos, e, com o surgimento da AIDS, isto chegou com mais força,

para que houvesse um controle da doença bem como, a divulgação e informações sobre essa enfermidade de modo a comparar o discurso médico.

Sobre o que se refere ao âmbito dos PCNS, percebe-se que são colocadas novas demandas para o professor trabalhar em sala de aula, antes dos PCNS. O grande enfoque relacionado à sexualidade era voltado para o aspecto biológico, voltado para o sistema reprodutivo, sendo apenas abordada em uma disciplina. O novo discurso que traz à tona os PCNS, sugere um trabalho interdisciplinar, envolvendo as outras disciplinas, de modo a agrupar-se nos temas transversais, no entanto, os diferentes profissionais, que lidam com as diversas disciplinas também são interlocutores do discurso de ES.

Deste modo, Lima Júnior (2009, p.186) nos coloca: “a sexualidade atinge o ápice de sua materialização quando a educação escolar se dirige aos comportamentos sexuais, devidamente documentados. Assim, em cada época e espaço, a educação escolar trata os comportamentos sexuais de acordo com seus objetivos”.

Diante desta análise, observam-se os diferentes sentidos que a ES nos passa relacionando este com as práticas sociais, educativas escolares, no que geram desdobramentos na prática do professor em sala de aula. Sabemos que o professor é um dos profissionais que tem a responsabilidade de implementar conteúdos curriculares em sala de aula, no que pode exercer ações legais, ou abrir perspectivas para que se liberte os instintos dos indivíduos sem ter o intuito de controlá-los.

No que se refere a ES, esta, veiculou e veicula nas escolas, um viés biológico, focar e abordar na escola o sistema reprodutor e o combate às DSTs. Diferentes sentidos e conteúdos devem ser abordados na escola, para que haja mais clareza para os alunos de modo a auxiliá-los para o resto de suas vidas.

Deve-se pensar na ES sob outras práticas educativas não vindo apenas para um viés biológico mas, abordando diferentes temas nos diferentes níveis de ensino como a compreensão do discurso da sexualidade, o papel da ES e da sexualidade dentro da escola e fora desta, o diálogo entre os professores de modo a “estudar” e refletir sobre sua prática de modo a ajudá-los a si mesmo e à seus alunos, pois estes levaram estes conhecimentos para o resto de suas vidas.

4.2 O espaço curricular

A tratar do tema do espaço curricular, no que se refere ao sexualidade e ES em geral, temos o intuito de abordar a sexualidade nos diferentes territórios curriculares e um deles, é situar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), como o espaço que envolve diversos assuntos sobre ES e sexualidade e que dão sugestões e modelos de discussões e atividades para que se auxilie o professor ao abordar este tema em sala de aula.

No que se refere ao PCNS neste espaço curricular ressalta Lima Júnior (2006 ,p.59) que este parâmetro constitui um padrão fixo, invariável e sem possibilidades de emergência do inusitado, o objetivo dos PCNS é o de controlar os comportamentos que se passam no âmbito da educação e da escola de um modo geral. Este parâmetro, é "disfarçado" de guia, modelo flexível servindo de coadjuvante na reordenação das práticas pedagógicas, mas, na verdade, este parâmetro representa o Estado.

Os PCNS são um dos projetos desenvolvidos pelo Estado sendo , foi um acontecimento que marcou o final do século XX, pois eles se apresentam como diretrizes ou referenciais, voltados para a modificação ou solução de questões que, na sua visão, são bastante preocupantes, como o sexo (BRASIL, 1997, v.1, p. 9-62).

De acordo com Lima Júnior (2006, p.60), eles são, a rigor, erguidos sob o manto dos ideários judaico-cristãos e morais e dos pressupostos iluministas, que surgem contra a vida e o sexo, ou seja, entendemos o quanto a sociedade e a religião de um modo geral se envolvem diante dos discursos relativos á sexualidade e, sobretudo os PCNS e do que trata os PCNS quando falamos do tema sexualidade e Educação sexual (ES) .

No entanto, os PCNS também vem a nos mostrar que todos devem repensar os direitos humanos as liberdades fundamentais sempre incentivando a coletividade . Vários direitos humanos são considerados coletivos como, por exemplo, o direito á paz e a um ambiente saudável. Diante de tudo isto, referindo-se ao espaço educativo, este deve colocar fundamentos que o levem a conduzir à analisar, julgar, criticar as ações pessoais, coletivas e políticas, para que dentro deste citados, a democracia esteja assegurada.

Dentro deste mesmo contexto sob o que trata os PCNS, estes, propõem uma educação comprometida com a cidadania e se baseiam no texto da constituição, elegendo princípios que orientaram a educação escolar (BRASIL, 1997, v.8, p. 21).

No que se refere ao Estado, este, vem com o papel apenas de introduzir a proposta na Educação sobretudo , nas escolas, o Estado, convoca os profissionais da educação de um

modo geral (professores, secretários do município e do Estado também incluindo as Universidades) que façam o papel de efetivar a implementação dos conteúdos propostos nos PCNS, fazendo-os, este ser o programa circular nas escolas, ou seja, os PCNS são apresentados e entregues em todos os órgãos educacionais com o fim de apresentar e "sugerir" que os docentes trabalhem com os conteúdos que estão situados neste parâmetro.

Não apenas os PCNS foram um projeto criados pelo Estado, mas, também os Parâmetros em ação (PAS). Esse foi um parâmetro criado pelo Estado, mas, só surgiram através das reivindicações dos professores que não aceitaram a postura do Governo, do Estado e do MEC (Ministério da Educação e do Desporto), com a criação dos PCNS. No entanto, os referidos parâmetros trazem reivindicações presentes no espaço onde acontece a prática dos professores.

De acordo com Lima Júnior (2006, p.62): "É algo que dissemina as práticas sociais, ocorrendo como uma variedade de relações de força". Ou seja, o que se entende é o quanto a sociedade de um modo geral é envolvida com a sexualidade, tratando-se dos PCNS, a escola, sobretudo no que se refere à estes parâmetros, que fazem com que haja questionamentos sobre seu uso, e as reivindicações dos professores para a formulação de um outro parâmetro, como forma de resistência dos professores para trabalharem com os PCNS não aceitando a postura do governo, do Estado e do Mec.

Referindo-se neste momento à reformulação das bases do ensino fundamental, sob a visão dos PCNS, este, (a reformulação), desde a década de 1970 vinha sendo desencadeado a necessidade, mas, na década de 1980, isto vem de uma forma mais intensa.

A política educacional da época detinha-se sobre o aumento das oportunidades de escolarização, uma vez, que nesta época, houve um maior acesso à escola pública. No entanto de acordo com Lima Júnior, (2006 p.63 *apud* BRASIL, 1997, v.1, p. 19); os altos índices de repetência e evasão denotavam problemas que se relacionavam às insatisfações com o trabalho efetivado pela escola. Assim ocorre a necessidade de revisar o projeto educacional do país, primando pela qualidade do ensino e da aprendizagem.

Referindo-se à formulação, no que se refere ao seu processo, observa-se que a Educação brasileira ainda é vista como insatisfatória, pois, sendo o Brasil comparado com outros países no que se refere ao desenvolvimento, encontra-se em desvantagem na área da Educação, isto vem a revelar os grandes índices de evasão e repetência, mas por outro lado há indícios de superação do atraso educacional, tendo em vista uma queda da taxa de analfabetismo Lima Júnior (2006, p.63 *apud* BRASIL, 1998 a, p. 23).

No que se refere a reformulação, ao situar a ES, esta vem a atrelar-se ao processo educacional, que por sua vez encontra um correlato prático no domínio do currículo. A Educação é um elemento importante na sociedade e enquanto currículo, de acordo com (Silva 1998, p. 9 *apud* LIMA JÚNIOR 2006, p. 63) este, vem como um ponto focal da questão sendo constituído um dos alvos das recentes reformas educacionais, e, uma vez que o processo de ES dá boa oportunidade á procedimentos específicos ,o intervir nos comportamentos sexuais, o currículo como se apresenta não está em construção nem de situação, cada proposto nem ancorado ás demandas de cada situação, a partir de um processo de adaptação frequente.

No que se refere a apresentação dos PCNS e a construção do currículo, vem em destaque o papel do docente, sendo este um dos principais interlocutores da operacionalização da proposta e simultaneamente, da ES (BRASIL, 1997, v.1: 9 *apud* LIMA JÚNIOR, 2006, p. 64).

Para isso, foram levantados dados relativos a formação do professor, sendo disponibilizados pelo Censo Educacional de 1994, que respaldam a reformulação do Ensino Fundamental (BRASIL, 1997, v.1:29-31 *apud* LIMA JÚNIOR, 2006, p. 64). De acordo com Lima Júnior ``o professor é um pastor moderno e os PCNS são a sua nova cartilha ``.

Os PCNS tem o objetivo de subsidiar os professores no trato com a prática pedagógica. Os PCNS lançam as bases que perfilam a sua postura, afirmando que os professores devem se reconhecer como legítimos e lícitos pelas crianças e jovens, com relação ás curiosidades sobre a sexualidade (BRASIL, 1997, v.10, p. 123 *apud* LIMA JÚNIOR, 2006, p. 65). O professor é capaz de conduzir o processo de discussão e reflexão junto aos seus alunos de modo que este transmita valores relativos á sexualidade de acordo com suas experiências vividas, estudadas e vistas nos PCNS.

Para que ocorram melhoramentos na educação brasileira, os PCNS recomendam que deva haver políticas que valorizem os professores e as condições físicas das escolas, o uso das tecnologias da comunicação e informação, além da participação dos alunos da escola juntamente com seus pais e comunidade dentro da escola, por meio de projetos educativos, fazem com que todos esses elementos citados (pais, alunos, professores e a comunidade de um modo geral)se familiarizem com a escola fazendo com que todos possam contribuir com a educação.

Articulando os PCNS ao projeto educativo da escola torna-se fundamental juntando ``o útil ao agradável `` ou seja, que esses dois elementos (os PCNS e os projetos educativos)

juntos, tornam-se ainda mais importantes diante de um projeto coletivo desenvolvido no pela equipe escolar e sua comunidade.

No que se refere ao processo de elaboração dos PCNS, de acordo com Lima Júnior(2006, p .69), observou-se a participação da Fundação Carlos Chagas (FCC), onde realizou análises de propostas curriculares oficiais destinadas ao Ensino Fundamental.

No que diz respeito a esta análise, percebeu-se que as propostas delineiam diretrizes pra o ensino fundamental, adotando uma perspectiva democrática e participativa, para guiar a formação dos sujeitos críticos, autônomos e atuantes (BRASIL, 1997, v.1, p. 57 *apud* LIMA JÚNIOR, 2006, p. 69).

A trajetória onde os PCNS vieram a iniciar-se com base nas propostas curriculares dos Estado e municípios do Brasil, cujo os currículos oficiais eram feitos a partir das experiências de outros países, como, por exemplo, o modelo de reforma curricular da Catalunha, uma cidade da Espanha, onde esta iniciou-se a partir de 1985 várias reformas educacionais cujo reestruturaram o país. A Catalunha por meio de diversas discussões juntamente com o departamento de ensino da prefeitura, diante das diferentes propostas de currículo propostas cujo foram elaboradas e discutidas, foi adotado o “projeto curricular da Catalunha”.

A partir daí, este projeto cujo desenvolvido na Catalunha foi o principal modelo cujo o MEC adotou para a estruturação dos PCNS, tendo em vista, que a referida proposta tem como base o construtivismo calcados nos princípios psicopedagógicos . Portanto, o Brasil veio a utilizar a referida proposta do país da Espanha para a formulação dos PCNS, fato cujo acarretou diversas mudanças nos modelos curriculares do Brasil.

A respeito da elaboração dos PCNS, este foi elaborado de acordo com Lima Júnior (2006, p.70), por uma equipe de especialistas contratados pelo MEC com parceiros das universidades públicas e particulares.

Nos anos de 1995 e 1996 foi discutida em escala nacional sendo nesse período ter acontecido diversos encontros regionais organizados pelo MEC e a participação nesse encontro dos professores das universidades, das secretarias de educação estaduais e municipais, educadores, várias instituições de diversas áreas do conhecimento e especialistas.

No que se refere a participação dos especialistas do MEC na elaboração dos PCNS, acordo com Lima Júnior (2006, p.70) :

Denota que eles encontram-se marcados por uma lógica institucional, que caracteriza a forma verticalizada e excludente do processo de elaboração da proposta curricular. Deixou os demais profissionais da Educação á margem do processo,á

medida que privilegiou consultores e especialistas, para atender a este mister. Este acontecimento, não privilegiou os professores que se encontram nos confins do país, cuja prática situa-se nas relações por eles desenvolvidas em situações específicas do ensino-aprendizagem .

O que o autor nos vem a explicar, é que mesmo havendo diversos encontros regionais para explicar a proposta desenvolvidas nos PCNS, de todo modo, ainda deixou os professores ``de lado `` onde só veio a privilegiar os especialistas para atender a demanda e ``esqueceu`` que é o professor que trabalha em sala de aula e que lida com os PCNS muitas vezes, o professor não usa o parâmetro por não possuir, porque muitas vezes a escola recebe e guarda o parâmetro e o professor não sabe que a escola tem ou até mesmo, os professores não conhecem o parâmetro e utiliza outros métodos.

Sobre o que se fala da Educação e os PCNS, o objetivo da educação tem é o de criar referenciais para que haja a reorganização do sistema educacional brasileiro, para que este possa atuar no processo de construção da cidadania, cujo eixo central é o dos PCNS.

De acordo com (Lima Júnior, p. 71.2006 *apud* BRASIL, 1997, v.1p. 13-14):

Os PCNS não objetivam resolver os problemas que afetam a qualidade de ensino e da aprendizagem, embora afirmem que podem funcionar como elemento catalisador de ações para melhorá-las. Firmar-se no discurso da qualidade requer investimentos variados, como a formação inicial e continuada dos professores numa política de salários dignos, planos de carreira, qualidade do livro didático, recursos televisivos e de multimídia. Trata-se dos materiais didáticos como condição para que isso seja concretizado. A prática curricular assume um papel preponderante, no que diz respeito á política educacional no país .

Seguindo adiante neste mesmo contexto, agora referindo-se aos princípios e fundamentos dos PCNS juntamente com o sistema educacional devem estar voltados para uma prática educativa que priorize as necessidades sociais culturais, políticas e econômicas apoiando o interesse dos alunos e despertando a curiosidade destes para que estes possam se tornar cidadão conscientes e críticos. Sobre o que se ressaltam nos PCNS:

Desde a construção dos primeiros computadores, na metade deste século, novas relações entre conhecimento e trabalho começaram a ser delineadas. Em de seus efeitos é a exigência de um reequacionamento do papel da educação no mundo contemporâneo, que coloca para a escola um horizonte mais amplo e diversificado do que aquele que, até poucas décadas atrás, orientava a concepção e construção dos projetos educacionais. (BRASIL, 1997, v.1, p. 34).

No que se percebe a partir desta colocação, é o quanto a disciplina e a intervenção dos movimentos de controle vem a movimentar-se no cenário da prática educacional.

Referindo-se à organização dos PCNS, estão estruturados com base nos objetivos gerais do Ensino Fundamental de acordo com Lima Júnior (2006 ,p.72), o processo de integração curricular se comporta de forma particular as especificidades dos componentes que operam no processo educativo, passando pelos objetivos gerais do ensino fundamental e dos temas transversais.

No entanto os PCNS estão fundamentados em pressupostos de investigações científicas atuais , por primar pela qualidade do ensino e da aprendizagem BRASIL (1997, v.1, p. 59 *apud* LIMA JÚNIOR 2006, p. 72). Estas tendências estão relacionadas com a interdisciplinaridade e com outras metodologias específicas como, por exemplo, o discurso das novas tecnologias inseridas no âmbito escolar afim de auxiliar a aprendizagem do aluno.

De acordo com que vemos no contexto dos PCNS de um modo introdutório alguns aspectos são delineados como os referenciais para Educação e os aspectos da qualidade de ensino e o exercício da cidadania na sociedade.

No entanto, sobre o que se trata os PCNS se passando para o trajeto da sexualidade observamos discursos que perfilam sua prática, discursos esses que regulamentam a sexualidade vindo a considerar que os PCNS vem a acionar seu domínio nos diferentes níveis de ensino, tendo como meta o módulo transversal de modo que vem a ser trabalhado dentro de sala de aula com alunos, professores e sendo desenvolvidos projetos escolares afim de utilizar este módulo.

4.3 O conhecimento escolar

Sabemos o quando a sexualidade está materializada no contexto escolar de modo a ser trabalhada na escola através do que se observamos na sociedade de um modo geral que fala a respeito de sexualidade, e também do que está contido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) sob uma moldura transversal.

Objetiva-se tratar neste texto a materialização da sexualidade de acordo com o conhecimento escolar, como está sendo visto pela sociedade e pela educação sexual (ES) na escola, como os professores trabalham com seus alunos usando os temas transversais, o que os temas transversais trazem para que os professores trabalhem com eles em sala de aula, tratando do tema sexualidade e seus variados aspectos nas diferentes séries, da Educação Infantil, tratando dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) e

os PCNS e módulos transversais que trabalham com os ensinos fundamentais I e II e o Ensino Médio.

Sobre o que referimos da sexualidade nas diversas modalidades do ensino, a educação infantil não poderia ficar de fora, pois esta vem a apresentar uma forma embrionária sobre a sexualidade no início da vida escolar da criança de modo a assumir a ES para esta fase encontrando-se nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI).

De acordo com Lima Júnior (2006, p. 92), o referencial é introduzido devido a expansão da Educação Infantil nas últimas décadas do século XX no mundo inteiro no que se ressalta a intensificação da urbanização, e a participação da mulher no mercado de trabalho.

Sobre o que se ressalta do referido documento é que o principal objetivo deste é que a criança tenha o direito á realizar experiências prazerosas nas instituições, seguindo do objetivo geral que prima por uma prática de educação infantil onde as crianças segundo Lima Júnior (2006, p. 92) `` [... sejam responsáveis pelo desenvolvimento de uma gama de capacidades : da imagem positiva de si, ao respeito e participação, valorizando a diversidade...] `` .

Referindo-se à expressão da sexualidade, o referencial coloca que esta é bastante importante no processo de desenvolvimento da criança, não colocando apenas aspectos biológicos, mas, também considerando que a sexualidade tem relação com o prazer, sendo constituída como uma necessidade básica dos indivíduos.

O referencial vem a esclarecer o desenvolvimento da sexualidade sob o módulo da História e da Cultura, em que estes vieram com as primeiras informações á respeito da sexualidade onde estamos em uma sociedade onde se criam suas próprias regras contidas num parâmetro que regulamenta os comportamentos sexuais.

Referindo-se a cultura no desenvolvimento da sexualidade infantil, observa-se como os adultos percebem os movimentos que as crianças fazem com seu próprio corpo. Os adultos servem de um referencial para as crianças no que diz respeito á compreensão do prazer e da sua busca, sobre o que diz respeito á família e da escola, as primeiras explorações sexuais vivenciadas pelas crianças fazem com que haja um determinado `` choque `` de valores e crenças onde os adultos se sintam de uma forma mobilizados muitas vezes sem saber como agir perante ao comportamento da crianças.

Diante disto, o referencial coloca que é bastante complicado encontrar uma maneira adequada para que as crianças vivenciem seus afetos, além de suas práticas prazerosas e sexuais, e por conta disto, e outros fatos, que o referencial apresenta uma cartilha onde

mostram maneiras sistematizadas orientando como proporcionar maneiras adequadas para que as crianças vivenciem o sexo.

O documento vem a ressaltar ainda, que os adultos ao presenciarem as explorações que as crianças fazem em busca do prazer, vejam isto como uma curiosidade da criança ou algo fora do normal.

De acordo com Lima Júnior (2006, p.93) os adultos: “devem tomar como referencial a sua própria experiência sexual. Ela deve ser eminentemente tranqüila, para que assuma uma reação espontânea diante do processo. Ao compreenderem que a sexualidade é um processo amplo cultural e inerente ao desenvolvimento”.

A partir daí é que se percebe uma relação harmoniosa com a sexualidade de modo que todos entendam o seu papel diante da sociedade, já no que se refere-se aos professores das crianças, estes [...] estarão auxiliados ante as inquietações dos alunos, podendo responder de forma mais sensata às questões de gênero que são centrais na sexualidade (BRASIL, 1998, p. 17-20 *apud* LIMA JÚNIOR, 2006, p. 93).

Além do referencial vir a falar da sexualidade, este, também vem a colocar questões referentes ao conhecimento de mundo, o desenvolvimento cultural e as expressões de sentimentos, emoções e pensamentos, por meio dos seus movimentos, onde as crianças agem sobre o meio, ao que se refere aos movimentos de acordo com Lima Júnior (p. 93, 2006) "é uma forma de fazer com que a sexualidade aja de forma eficaz no processo de regulamentação das práticas sexuais".

Agora no que se refere aos PCNS e os temas transversais, sabemos que estes perpassam pelos diferentes campos disciplinares no que refere-se ao ensino fundamental da 1º ao 5º ano, que correspondem as 1º e 2º no primeiro ciclo e da 3º á 5º ano o segundo ciclo onde vem a considerar a inclusão dos temas transversais nas diferentes áreas do ensino como Matemática, artes, história, Língua Portuguesa dentre outras disciplinas, se refere a inclusão os PCNS ressaltam que esta:

Não é uniforme, uma vez que é preciso respeitar as singularidades tanto dos diferentes temas quanto das áreas. Existem afinidades maiores entre determinadas áreas e determinados temas, como é o caso de Ciências Naturais e Saúde ou entre História, geografia e Pluralidade Cultural, em que a transversalidade é fácil e claramente identificável. Não considerar essas especificidades seria cair num formalismo mecânico (BRASIL, 1997, v.8-41 *apud* LIMA JÚNIOR, 2006, p. 94)

Retratando neste mesmo contexto, no que se refere à Língua Portuguesa e os temas transversais, tratando-se da Orientação Sexual (OS) o módulo transversal é abordado de acordo com Lima Júnior (2006, p.94) em duas questões nucleares.

O fato de a língua ser um vínculo de representações, concepções e valores socioculturais e o seu caráter de instrumento de intervenção social.[...] Os temas transversais (Ética, pluralidade Cultural, meio Ambiente, saúde e Orientação Sexual), por tratarem de questões sociais, pertencerem á dimensão do espaço público e, necessitam de participação efetiva e responsável dos cidadãos na sua gestão, manutenção e transformação. (BRASIL, 2001, v.2:45-47 *apud* LIMA JÚNIOR, 2006, p. 94)

Além do acima citados, existem diversas outras questões que devem merecer destaque, como o preconceito com os demais temas incluídos na sociedade seja de classe social ou gênero que fazem com que juntando os temas transversais com essas diversas questões colocadas com a Língua Portuguesa percebe-se o quanto deve ser importante ser trabalhado os dois juntos (os temas transversais e a Língua Portuguesa) dentro do âmbito escolar.

Já a respeito da disciplina de Matemática, no que se refere aos temas transversais principalmente a OS, a matemática perceberá que a escola é importante para a formação de cidadãos, não estipulando diferenças entre os alunos de diferentes sexos. A disciplina de Ciências Naturais enfatiza a formação do cidadão crítico situando-o na sociedade da tecnologia, diante dos blocos temáticos, contidos na disciplina de Ciências Naturais, o bloco Ser Humano e Saúde de acordo com Lima Júnior (2006 , p. 95) discorre sobre questões referentes á sexualidade, destacando o corpo humano, o seu crescimento e seus comportamentos de acordo com as fases de desenvolvimento refletindo sua história de vida e o ambiente em cujo está situado. No entanto, o que se percebe são fatores englobam os fatores biológicos, culturais e sociais, marcando as referidas fases da vida.

Retratando para a disciplina de História, vem a pautar-se em reflexões, discussões e debates de uma forma crítica dos assuntos que correm na sociedade, englobando também, discussões e debates relativos á temas de sexualidade.

No que se refere à OS, a disciplina de Geografia, não vem a comentar sobre esta, pois a Geografia vem a abordar o conhecimento de diferentes lugares e espaços no passado e presente, embora, dentre estas, algumas questões discutidas vem a denotar-se a relação da geografia com a OS.

Tratando-se da disciplina de Arte, segundo Lima Júnior (2006, p. 97): “encapada pela Educação, repousa nos mantos do ensino universalizado e desenvolvimentista, esta servirá

para formar os cidadãos, cujos lemas são igualdade e participação ``. Será pautada no crivo da amizade fraterna, de formação cristã.

O que nos vem a explicar, que a Arte vem a trabalhar com a criatividade, desenvolvimento dos alunos de modo que haja a cumplicidade trazendo a tona a amizade.

Sobre a Educação Física, segundo Lima Júnior (2006, p.98):

Os conteúdos da referida disciplina, encontram-se referências sobre o conhecimento do corpo, os conhecimentos biomédicos, bioquímicos, fisiológicos e anatômicos cujo conduzam á crítica dos programas de Educação Física, estabelecendo critérios de julgamento, escolha e realização, que regulem atividades corporais e saudáveis no âmbito do trabalho e lazer.

Podemos entender, que a Educação Física situa a OS de um modo a trabalhar com a saúde e o conhecimento do corpo, não situando exatamente no que diz respeito á OS pois a Educação Física está ligado ao trabalho em sala de aula como principalmente fora dela trazendo os esportes.

Referindo-se ao Ensino Fundamental II, da 6º à 9º ano, estão divididos, sendo 6º e 7º situando-se no terceiro ciclo, e a 8º e 9º situando-se no quarto ciclo, `` as diferentes áreas objetivam enfatizar a dimensão social que a aprendizagem cumpre no processo de construção da cidadania `` (Lima Júnior, 2006,p.98).

No que se refere aos conteúdos implementados para estas séries do ensino fundamental, as diferentes áreas do currículo escolar:

Existem, implícita ou explicitamente, ensinamentos a respeito dos temas transversais, isto é, todas educam em relação a questões sociais por meio de suas concepções e dos valores que veiculam nos conteúdos, no que elegem como critério de avaliação, na metodologia de trabalho que adotam, nas situações didáticas que propõem aos alunos.Por outro lado, sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para explicá-lo ;ao contrário, a problemática dos temas transversais atravessa os diferentes campos do conhecimento (BRASIL, 1998b:26 apud Lima Júnior 2006, p. 98).

Percebemos que os temas transversais estão em todas as disciplinas, cada um com seu objetivo específico de acordo com a disciplina, mas, além do 5º á 8º possuir todas as disciplinas existentes na 1º á 5º ano ainda, possui mais uma disciplina que também está relacionada com os temas transversais, que é a Língua estrangeira, onde esta é focalizada de um modo singular tendo uma relação entre a sociedade e a linguagem[...] Os temas transversais colocar-se-ão através da Língua Estrangeira, uma vez que analisar as

interconexões orais e escritas no cotidiano constitui-se um meio que goza de certo privilégio para abordar as questões sociais urgentes[...] (Lima Júnior, 2006, p.102).

No que se refere ao abordar questões em sala de aula, referindo-se no contexto de OS, existem os que englobam a OS e a sexualidade de um modo geral, onde é de suma importância que seja discutido em sala, trabalhos, projetos e questões que podem ser elaboradas e discutidas em sala de aula, como o respeito aos direitos de todos independente de sexo, gênero, ou opção sexual, abordar práticas de prevenção referindo-se a doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez indesejada, dentre outras questões que podem ser levantadas de modo que os alunos tenham o conhecimento adequado sem restrições.

Referindo neste momento ao Ensino Médio, cujo corresponde ao 1º, 2º e 3º ano, segundo Lima Júnior (2006, p.103), que o sentido do aprendizado nesta fase vem a circular em torno da linguagem, uma vez que esta é transdisciplinar .

Disciplinas como Filosofia, psicologia, sociologia, história e dentre outras têm como objeto de estudo a linguagem. O referido documento, ainda vem a abordar questões que se referem às competências e habilidades as Línguas (Portuguesa e Estrangeira), além da Arte, educação Física e Informática que serão trabalhadas nesta modalidade de ensino.

Além destas disciplinas também são abordadas ainda, no que trata-se “ [...]questões referentes às competências e habilidades, conhecimentos de Biologia, de física, de Química e de Matemática [...] ” (BRASIL, 1999, v.3, p. 27-94 *apud* LIMA JÚNIOR ,2006, p. 103).

No que se refere as outras disciplinas como Geografia, história, sociologia e Filosofia, estas, também são abordadas neste módulo de ensino no que se refere às competências e habilidades.

Percebemos que ao abordar as disciplinas que são trabalhadas no Ensino Médio, que a ES não se faz de modo explícito, no entanto, como ressalta Lima Júnior (2006, p.104) “ a operacionalização da transversalidade nos campos disciplinares no Ensino Médio deve, a rigor, recorrer ao Ensino Fundamental ”.

No que se trata da abordagem da ES como um tema transversal a ser aplicado nas escolas, este não vem a ter tanta praticidade nem clareza, e mesmo havendo diversos discursos que abordam a aplicação da ES nas escolas, atribuindo-se como a responsabilidade do professor é aplicar a ES na sala de aula, mas, mesmo assim, nota-se a deficiência que circula entre a aplicação da ES pelo professor e de um modo geral, a escola num todo.

No entanto, podemos entender que os temas transversais incluindo também a OS vem com a proposta de transversalidade perpassando pelas diversas disciplinas afim de auxiliar o professor e de certo modo, auxiliar os alunos, portanto, percebemos que muitas vezes quando

são observadas em algumas salas de aula das escolas no nosso cotidiano, que o mesmo método tradicional ainda “reina”, e os professores, que muitas vezes possuem muitos anos de experiência “acomodam-se” e aplicam suas aulas do mesmo modo que aplicara há vários anos atrás mesmo vindo toda a tecnologia nos dias de hoje, e, os PCNS, temas transversais são um deles, que muitas vezes ficam guardados dentro da secretaria e nem o professor tem o conhecimento que aquele documento existe.

Devemos entender e refletir perante nossas práticas principalmente tratando de ES e sexualidade, de modo que possamos fazer nosso papel, utilizando elementos que nos ajudem a trabalhar com os alunos, como os PCNS e temas transversais, afim de auxiliar perante sua prática docente, conscientizando-se que o papel do professor é “ser um exemplo de cidadão” perante seus alunos, cidadão esse, que auxilie seus alunos na escola e na vida.

5 CONCLUSÃO

No item dois, foi situado um breve histórico da sexualidade, como esta surgiu na sociedade, como foi vista perante a sociedade, desde séculos bem anteriores ao nosso. Assim como também a sexualidade foi abordada no Brasil e inserida na educação, qual foi o propósito de implementar a educação sexual nas escolas para que os professores explicassem aos seus alunos e como foram as reações das famílias dos alunos e os efeitos que a sexualidade causam de um modo geral na sociedade.

No item três, foi abordado a Educação Sexual, (ES), um breve histórico desta, onde situamos acontecimentos que fizeram com que esta fosse alvo de interesse do Estado como uma "solução" para o controle de natalidade e informar sobre as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e, sobretudo, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA ou AIDS) além de inserir a ES nas escolas. Foram abordadas as definições da ES, como esta é definida perante a sociedade e por último, a orientação sexual (OS), como esta é definida perante a sociedade, como esta é abordada como tema transversal contido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), como a OS é abordada em todas as séries do ensino regular como um tema transversal.

O último item são abordados a ES na prática do docente, como ocorre a recepção do referido tema pelo professor, como este aborda temas relativos à ES dentro da sala de aula. Os diferentes sentidos que compõem a ES e sexualidade de um modo geral na escola e na vida cotidiana. O espaço curricular, como este recebe os conteúdos de ES, qual a finalidade dos PCNS quando referimos à conteúdos de ES, como o currículo foi construído perante esta temática. E, por último, o conhecimento escolar, onde destacamos o tema transversal relacionado à sexualidade nas diversas etapas da vida como os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) como este foi construído para trabalhar com alunos da educação infantil, e o que o documento fala a respeito de sexualidade como forma de trabalhar com estes alunos desta referida etapa. Também foram abordados como a OS é abordada como tema transversal nas diferentes séries do ensino regular relacionando-se com as demais disciplinas Língua Portuguesa, matemática, dentre outras.

Sabemos da importância do docente em sala de aula para a implementação dos conteúdos, pois é através deste que são apresentados para os alunos os conteúdos cujo retratam a sexualidade e a educação sexual de um modo geral. O preparo do professor para

lidar com esta temática é fundamental, para isto, vimos alguns recortes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) sendo inseridos os temas transversais para que auxilie o professor nesta empreitada, objetivando-se a transversalidade entre os campos disciplinares de modo a auxiliar o professor diante de sua prática educativa e os alunos, afim de "clarear suas dúvidas"á respeito dos assuntos relacionados á sexualidade afim de levar como experiência para sua vida inteira.

Entendemos o quanto a educação sexual é importante perante as práticas educativas escolares pois é através desta que são desencadeadas diversas discussões que envolvem a sociedade, o Estado e a educação de um modo geral.

REFERÊNCIAS

- ABDO, Carmita Helena Najjar. **Sexualidade e Educação**. Temas. São Paulo, n. 42, p. 367-373, 1991.
- ALEXANDRIAN. **História da Literatura Erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 278p.
- BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Educação Sexual: debate aberto**. Petrópolis: Vozes, 1982. 132 p.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos parâmetros nacionais**. Brasília, 1997.
- _____. _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC; SEF, 1998b. 436p. (Ensino fundamental/5ª. à 8ª. série).
- _____. _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos parâmetros nacionais**. Brasília, 1997.
- BRITZMAN, Deborah. **Curiosidade, Sexualidade e Currículo**. In: LOURO, Guacira L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 176p. Cap. p. 85-111.
- CAMUS, Albert. **A peste**. Tradução Valerie Rumjanek. 13 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2002. 269 p. Tradução de: LA Peste.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. Rio de Janeiro: 34, 1992. 232p..
- GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução Joana M. Varela e Manuel Carrilho. Lisboa: Assírio e Alvim, [ca. 2000]. 430 p. (Peninsulares/especial, 41).
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio**. Londrina: UEL, 1996. 190 p.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 152 p. v. 1.
- FOUCAULT, Michel. **A Mulher/ Os Rapazes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FUCS, Gilda Bacal. **O Amor, o Sexo e a Puberdade/ Adolescência**. In: _____. Por que o sexo é bom? orientação sexual para todas as idades. 3. Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. Cap. P. 52-81.
- FURLANI, Jimena. **Direitos Humanos, Direitos Sexuais e Pedagogia: o que essas abordagens têm a dizer à educação sexual?** In: JUNQUEIRA, Rogério D. Diversidade Sexual

na educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação; secretaria de Educação Continuada; Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2009. 458P. (Coleção Educação para Todos, v.32). Cap. p. 293-323.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4º ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. 112p.

KING, Helen. **Preparando o Terreno**: sexologia grega e romana. Conhecimento sexual, ciência sexual: a história das atitudes em relação à sexualidade.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1995.

LIMA JÚNIOR, Luiz P. de. A sexualidade na moldura transversal. **Temas em Educação**. João Pessoa, v.13, n.2, p. 32-49, 2004.

_____. A sexualidade no território curricular. **Temas em Educação**. João Pessoa, v.15, n.1, p. 57-75, 2006.

_____. Campos disciplinares em cena: a materialização do conhecimento no evoluir do conhecimento escolar. **Temas em Educação**. João Pessoa, v.15, n.2, p. 91-106, 2006.

_____. **O Labirinto da Sexualidade**. João Pessoa: UFPB, 2008. 102p.

_____. **Sexualidade**: um mapa em rascunho. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. (No Prelo).

_____. **Os Sentidos da Educação Sexual na Prática Docente**. In: PEREIRA, M. Z. da C.; CARVALHO, M. E. P. de.; PORTO, R. de C. C. Globalização, interculturalidade e currículo na cena escolar. Campinas: Alínea, 2009. 210p. Cap. P. 173-188.

_____. **Sexualidade: uma mapa em rascunho** / Luiz Pereira de Lima Júnior.--João Pessoa, UFPB, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p.

_____. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luiz Heron da. (org.). **A Escola Cidadã no Contexto da Globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998. 452 p. Cap. 3. p. 33-47.

MACRAE, Edward. **Os Respeitáveis Militantes e as Bichas Loucas**. In: COLLING, Leandro. (Org.). Stnewall 40 + o que no Brasil? Salvador: EDUFBA, 2011. 276P. (Coleção CULT, n.9). Cap. p. 21-35.

NIETZSCHE, F. **O Anticristo**. Tradução Pietro São Paulo: Martin Claret, 2000 a. 112p. (Coleção a obra prima de cada autor). Tradução de: Der antichrist.

NUNES, César A. **Desvendando a Sexualidade**. Campinas: Papirus, 2005. 101p.

ROSENBERG, Fúlvia. **Educação Sexual na Escola**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n.53, p. 11-19, maio, 1985.

SOUZA, Laura de Melo e. **O Padre e as Feiticeiras**: notas sobre sexualidade no Brasil colonial. In: VAINFAS, Ronaldo (org.) *História e sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. 212 p. Cap. 1. p. 9-18.

WEREBE, Maria José. **A educação Sexual na Escola**. Tradução por Antônio Pinto Ribeiro. São Paulo: Moraes; Martins Fontes, 1977. 270 p.

____. **Educação Sexual**: instrumento de democratização ou de mais repressão? **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, n. 36, p. 99-110, fev. 1981.

____. **Sexualidade, política e Educação**. Campinas: Autores Associados, 1998. 217p.